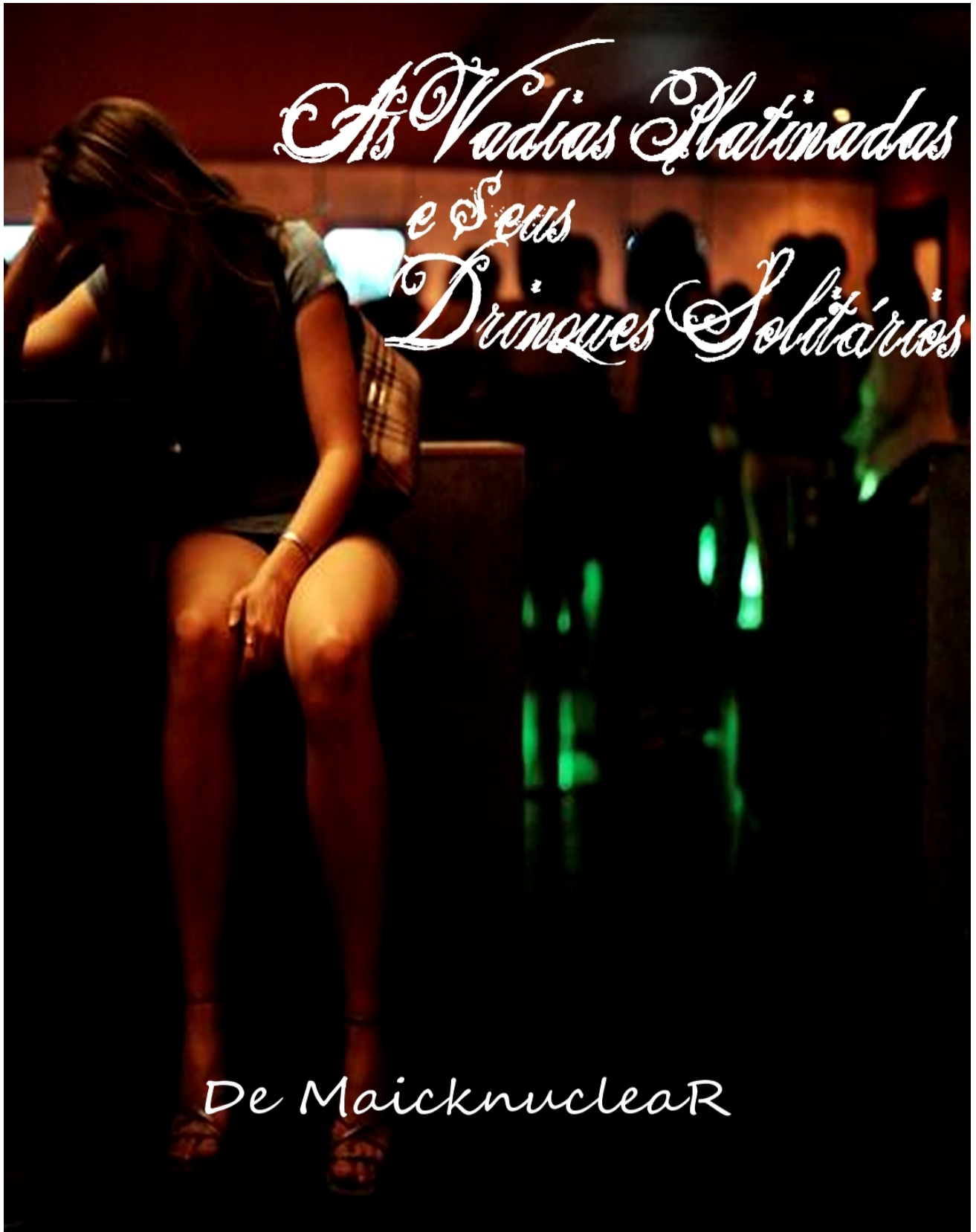


As Vadias Platinadas e Seus Drinques Solitários - Maicknuclear



*As Vadias Platinadas
e Seus
Drinques Solitários*

De Maicknuclear

As Vadias Platinadas e Seus Drinques Solitários – Maicknuclear

DE MAICKNUCLEAR

AS VADIAS PLATINADAS E SEUS DRINQUES SOLITÁRIOS

© 2009 Maicknuclear/AltacasA. Todos os Direitos Reservados.

**Versão original de registro, sem revisão.*

Compilação dos textos preferidos do autor retirados do extinto blog homônimo, do saudoso blog “As Latrinas da Vida e os Diamantes Jogados aos Porcos” e do livro “Meu Doce Valium Starlight (publicado pela editora Dulcinéia Catadora em 2007)”.



A TEORIA DOS GATOS PARDOS

EDITORA INDEPENDENTE – EDU CHAVES, SP, CAPITAL



“Sim, meus velhos comparsas de escrivismo deformado, pensamentos sórdidos, atos deploráveis, conduta desaprovável e prosa narro-depravadas. Cúmplices da Garoa indomável e travessias de nirvana afora. Vim trazer-lhes a maldita odisseia do paradoxo! O puro creme dos becos de fulos e seu dinheiro sujo. O cataclismo do arrebol e essas encruzilhadas urbanas. Preparem a repulsa, salguem a gordura de suas pipocas e avisem os futriqueiros: Meu showzinho de merda agora vai começar!”

Maicknuclear

Copyright © Maicknuclear

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral. “As Vadias Platinadas e Seus Drinques Solitários” foi registrado em 2009, na Fundação Biblioteca Nacional. Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado e impresso em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos. Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF.

Livro Registrado em: Fundação Biblioteca Nacional



Nessas noites sem aurora (MaicknucleaR)

** Texto revisto, contém vários adendos!*

Introsia

Tão menos dolorosa suas noites de veludo. Sudário celeste das ninfas Bi, abóbada degenerescente de um sortilégio de absurdos.

Como beijar o céu sem levar pipoco na cara? Como viver se a vida é o próprio trauma (?) e esse trauma não passa de uma falsa ideologia alheia. Esse atentado teológico de: “Vá, filosofe, procrie e se mate”.

A maratona da vida sobre estes campos minados. Sobre estes Elísios das piores entidades mundanas...

A mágica do velho atroz não morre, por isso estou de volta. Subo ao topo das ruínas carregando meus cânceres. Cânceres amargos que diluo nas gargantas em volta.

Mas... Nem tudo está perdido, Jack. Segure essa misantropia no bolso por mais alguns segundos. Limpe os estilhaços das minas de outrora. Pois nem a morte cala a insolência de seus pensamentos doentios. Seus fios, sem pavios, que jogam corpos em rios, decapitados, sem o menor arrepio.

Sei que já percebeu a regra do jogo – (que é: você, seus blefes, augúrios, suicídios e só) -...

Mas há quem desacredite de seus planos, sim. Há quem suma duvidosa. Mas porque se trancar na baleia, mestre Jonas, se tudo não passa de uma interatividade noturna? Noturna e fogosa.

(Relaxa). O resto é oco, meu caro. E você... você é uma almôndega em um rio de merda.

Caféina Jones

Lá estava eu, meio dia e quarenta e nove. Com mais uma folha sulfite na pasta. Adentrando o casarão em reformas na rua Coronel Júlio Marcondes Salgado, São Paulo, Capital.

Madame Bovary (como denomino aquele chupeteiro safado que maleficamente influencia o meio literário paulistano), mais uma vez, rechaçou o link (e só o meu, dentre todos que estariam no evento) para minha casa (blog), mas, dessa vez, minha retaliação será o mais límpido e puro creme do desprezo – aliás, promulgo aqui uma nova lei: “Aos meia-boca, o corte” -... Pois porque se preocupar se todos sabemos que os senhores coronéis da arte, os Illuminatis do circuito de Bourbon, Vernissages e “lançamentos” tem os mais caros pincéis e as tintas de qualidades, se nós temos a merda do talento (e conseqüentemente o abraço da sarjeta)?! Meu caro, se o mundo é sectário, meritocrata, idolatra das babaquices e não percebe que és foda, então o mundo que se foda, right?! – é... deve ser -.

Mas eu. Eu sou da turma do jogral, my brother Charlie. Eles não me veem e nem me veem com bons olhos (ou seja, veem sim e ignoram por saber aquilo que é explícito a quilômetros de letrinhas-luz)! Eu quero mais é fugir do rótulo, meu bem. E saiba, em caráter adiantado, que esses seres maquinais que rotulam, com cola de segregação, a compota do convívio não manjam nada, de porra nenhuma!

- Você tem o recibinho?

Recibinho é foda. Se fosse eu diria: “Senhor, preciso do recibo”, mas fazer o que? Ele não sabe nada, imagina se vai saber que desde que comecei a escrever tenho esse medo patológico de que minha casa pegue fogo e queime toda a merda que já escrevi. Tudo que criei é meio inútil, pois como diz aquele som: “A gente fuma e eles fama”.

[Oh merdinha de assunto recorrente!!!!]

- Desculpa, achei que estava na pasta. Oh.

Ta vendo?! Eu sei interagir. Eu sou um maldito gentleman. É; mas na escala de maldade nada supera meus lindos pensamentos. Digamos que o que escrevo é uma espécie de “meio-termo narrado/lírico entre fala e pensamento”. E nem assim minha retórica hablada deixa de beirar o péssimo! E meu silêncio é um holocausto, acredite nisso – mas às vezes pode ser amuação -. Mas eu sou um maldito gentleman. Minha criação foi ótima. A diferença é que não nasci em Higienópolis, nem na Vila Madalena, com um papai poeta, dono de editora, ou influente dentre esse circuito da fogueira das vaidades. A geografia me fez nascer no epicentro do fundo da bacia demográfica de um circo romano onde sou o cristão que será a razão dos leões de concreto, armados de sofisma e revoltados por não terem ganhado um pônei. Um circo pegando fogo, que fora tocado pelos Neros da opressão psicossocial.

Sobre as luzes borradas

Tudo correu ótimo. Sitcom, tacinha e tiradinhas sarcásticas no time. Inclusive foi a primeira vez na vida que ouvi: “Na minha casa ou na sua”, sem ter sido na TV.

Não sei que merda eu tenho, mas algo em mim faz as pessoas se confessarem como se eu fosse um maldito padre punheteiro. Talvez sejam os drinques coloridos. Talvez saibam que em dois minutos eu nem vou mais lembrar a história, simplesmente por que percebem que eu não estou nem aí pra relativamente nada. Mas após todo aquele papo de James Bond de calça larga, não havia como esquecer aquela célebre frase (ou o que veio depois dela).

Saca a cena:

[Interior. Noite casa dela. Sala. "Brincadeiras" orais, vez dela].

Confissões vem à tona.

Eu mereço. Eu mereço...

- Eu mereço...

- Hum?

- Nada, ta muito bom, muito foda, não para.

Aquela mulher me dava umas mamadas em um ponto onde a sensação é como se estivesse disparando um rojão contra meu próprio rosto, de emoção.

- É aqui que você disse que gosta, né?

- É, hmmm, Santa Califórnia... – eu mereço, sim e “como”!.

Ela parou. Ficou ali com aquela cara de “Sou uma vadia satisfeita e independente e toda essa produção não é insegurança, juro”, batendo uma pra mim e disse:

- Sabe, eu adoro ser submissa!

- E eu to adorando essa submetida.

- Minha maior vontade é ser escrava...

Um sorriso demoníaco rutilou em meu rosto como um holofote ganha o céu de uma noite nublada.

- Escrava, escrava???

- É! B.D.S.M. mesmo – ela disse com aquele jeito de “Dondoca achando ser inteligente” que acho style - quando elas fazem isso nuas.

- Então você quer ser escrava, é isso?

- Muito!

Ah, meu depravado leitor. Tive de perder a sutileza e forçar meu caralho goela adentro da danada, empurrando a cabeça dela para baixo e segurando impiedosamente, só para

denotar, subliminarmente, que a história havia mudado.

- Levanta.

- O quê?

- LEVANTA. – estendi a mão e recebi aquela mãozinha linda e bem cuidada de presente. E, porra, que estouro ela só de calcinha!

- Onde fica o banheiro?

- Por aqui... – me indicou e foi me seguindo, de mãos dadas, com a cumplicidade que só tem aqueles que vão se foder pelados de madrugada na garagem.

Abri a porta. Puxei-a pela mão indicando que entrasse e:

- Ajoelha... escrava.

Ela arregalou os aqueles olhos dignos da minha mais tenra porra matinal e disse:

- Sim, meu senhor – e minha cadelinha ajoelhou bonitinho (né, cadelinha?).

No campo de visão só havia uma toalha, mas não era o que queria. Abri o gabinete da pia e achei um secador de cabelo.

- Perfecto!... Minha cadela, escrava, coloque as mãos para trás e segure os tornozelos – amarrei pés e mãos – O plano é o seguinte, escrava. Eu vou até a sala relaxar, aquecer o cerebelo e já volto pra abusar de você. Qualquer eventualidade você grita “joga a chave”, pois se gritar socorro e alguém ouvir, com essa cara de boy que eu tenho, eu to fudido.

- Sim, meu senhor.

Apaguei a luz. Fechei a porta. E abri a porta.

- Tem algum álcool bebível nessa casa?

- Na geladeira, na parte do freezer, meu senhor.

- Valeu – tranquei.

É style ser chamado de senhor por uma dessas madames donas de franchise que são chamadas de senhora por seus vassalos mentalmente proletariados.

Rumei à geladeira peguei duas latas com a mão esquerda. Voltei à sala. Coloquei as brejas sobre a mesinha de centro e me acomodei. Abri uma das latas e deixei lá em cima. Peguei a paranga no bolso da camisa (tirei um belo camarão) e joguei em cima da mesinha. Dei uma golada na breja e a devolvi à mesa. Peguei o controle, liguei a TV.

-Legal: NatGeo.

“...na terceira cerveja eu volto”. Sem querer cochilei.

Lords of underground

Da hora! Hoje mandei estampar uma camiseta com a cara do Wando, com uma coroa grafitada na jaca. Ficou stylish.

Esqueletos no oceano

Abissal que só a porra. Aquele ano foi um antro de irrelevância histórica. Um relicário de personagens vazios que atravessaram minha louca vereda. E a única coisa boa (a anja do sul), consegui estragar em dois dias (com outra).

Mais tarde, novamente fui ao fundo. Mas sei lá, o fundo estava sem graça. O fundo já vi, cavei e rolei abaixo de seus sete palmos. Lambi o chão (e dancei valsa nos salões do) inferno e nem sequer fiquei com sede. E tudo na história que me deixaria com um grande asco, tudo que seria como a última instância para se tornar um homem amargo, tudo transmutou.

Tudo virou um enorme pôster da Karina Bach de quatro com um M tatuado na banda esquerda daquele enorme traseiro e N no outro lado da vil iguaria. Consegui atingir o nirvana, a iluminação e o sublime em uma só tacada neurológica.

Não sei se isso é bem novidade, mas agora vejo todos como animais - um Illuminati às

avessas, que exterminaria todos velhinhos multibilionários e sairia de helicóptero jogando todos ensanguentados bilhões sobre as favelas mais fudidas do país -... Quando começo a reparar com o “ao redor” com os olhos clínicos que trago em um estojinho, fico com a impressão de que nem todos chegaram ao Humano. Basta reparar a selvageria que rola nesta selva de concreto. Neste emaranhado urbano de pessoas-capa que buscam um padrão estigmatizado, sem caráter, alma ou sequer um pingão de personalidade. Essas cópias das cópias xerocadas de ideologias furadas e estilinho separatista. Pra mim essa corja dos que buscam cada vez mais motivos para segregação é a escória da sociedade brasileira e mundial. Mas tudo bem. Não há nada mais contundente que esta folha jogada neste quarto azul, nesta merda de cidade dos grandes homens no lixo, nomes sem mito, cidade dos meritocratas.

E mesmo tendo culhões dourados e pica de ouro, talvez, escrever, não seja a melhor forma de carburar os demônios de outrora. Talvez eu deva largar caneta, microfone e design, pois minha encruzilhada é forte, não preciso fazer meus textos de arma. Talvez eu deva mesmo poupar!...

Outro dub na rádio de rocksteady

POUPAR É O CARALHO!!!... Em nome de minha literatura, em nome da não morte das minhas rimas do cão e prosas da gota serena, e, pelo poder a mim cedido pelo estado paulistano das coisas, preciso sim, quebrar alguns lindos pescocinhos. E é como dizem: “Um homem deve fazer o que precisa ser feito, por piores que sejam as consequências”. Então, lá vamos nós. E como dizem os mafiosos dos filmes, B quando estão prestes a levar um sapeco de chumbo: “Você sabe que a partir de sua atitude tudo vai mudar, Poly”. Tudo começou quando aquela... me confessou, no msn, que era amante de um tiozinho rockeiro que tem duas mulheres e quarenta e sete filhos, um carro para viagens, dois cachorros, um mercadinho onde vende erva na encolha e uma chinchila. Aliás, tudo começou bem antes. E mais aliás ainda, paralelo a essa história, ocorreram milhares de coisas bem legais, “outros olhos e enredos”, como diz meu livro, mas, meu amigo, se você quer a vida fofinha como na novela das oito, vá ler o blog da Madame Bovary ou de um dos seus amiguinhos que extorquem os boy-êmios em oficinas de literatura. Pois se veio até aqui atrás de “estilinho literário”, ou pra corrigir minha gramática ao invés de ter a sapiente clarividência de sacar o que quero passar com toda essa merda de conteúdo, então saia daqui antes que eu lhe arrebeite a insolência, pois você não é digno de ler nem meu sinal de porcentagem – cansei da meritocracia da “artelite” desbotada -. E agora que to no “independente” só a morte ou a debilidade mental me param, muchachos. O resto é nome e suas vidas e obras feitas com bosta imaginativa se resumem a algumas “Boas sacadas”. Mas, como eu ia dizendo, tudo que veio na mente após esta “confissão” foi: “Caramba, essa lobista estava em minha cama ontem e eu inventei de ‘respeitar’. QUE BURRO!”. Porra, cara, sem maldade, as amantes só tem utilidade pra quem come; quem não come fica chorando as pitangas porque inventou de dar uma de rapaz respeitador e não pode derramar seu leite na cara da safada – é, mas todos sabem que eu não passava de um lobo-cafetão em pele de ovelha-vítima (por culpa da porcelana de cabelo liso) -. Porra, novamente porra, amantes só têm utilidade pra quem come mesmo! Quem não come fica chorando porque foi inventar de respeitar (mesmo). Aliás, que merda de respeitar foi essa? Ah, lembrei, foi porque certa vez fui beijá-la a força e a puta ficou puta, disse que odiava ser pega a força. Mas naquela noite que fechava o “melhor dia de sua vida”, senti que deveria ter dado uma forçadinha. Mas sei lá, tem coisas que me deixam puto. E como bom libriano que sou, me dê um tiro na coxa, depois chute minha cara, cague em minha mesinha de

centro e mijei em minha sopa, mas cuidado com as palavras perto de mim... E na hora em que fui chupar sua buceta, ou ao menos acreditava pia e hipoteticamente que iria, ela disse: “Vai acabar acontecendo o que não era pra acontecer”.

Porra cara, sem chance, nem teve como minha mente não mandar ir se foder. Vou traduzir o que minha mente pensou. Foi algo tipo: *“Como assim não é pra acontecer? Você comentou em meu blog, comentou de novo, não satisfeita foi lá novamente, entrou em contato, manteve contato, continuou mantendo contato, trocou mil e-mails, duas mil ideias, fez três mil perguntas que odeio responder, agiu como uma vaca em certos momentos deste contato, mas relevei. Fez com que eu deixasse de ir pra rua ver minhas coisas pra ficar “tcendo” com você. VOCÊ marcou um encontro, disse que eu ia ter de te aturar a madrugada toda e aturei e me perdoe se eu não era um tiozão rock’n roll que poderia te levar de carro pra ver um show de uma banda feminina em Ubatuba, comer seu cu num motel e te deixar de lado pra ir ver a família. Após o beijo continuou vindo atrás, teve ataque de ciúmes por culpa de uns scraps de uma mina do meu passado. Continuou mantendo contato, continuou com aquela história de querer me ver. Eu joguei limpo em todo momento, respondi as merdas de suas perguntinhas, marcou outro encontro, ficou de novo e chega na hora, depois de todo aquele cu doce, você diz pra mim que não é pra acontecer? Ora, vai se fuder!!! Tem noção da mobilidade mental que tive que despejar na lata por sua culpa? Sabe o tempo que perdi acreditando em sua infantilidade?”*

Deitei ao lado dela após essa reflexão de uma fração de segundo e fiquei imaginando que diabos eu havia feito para estar vivendo a situação mais ridícula de toda a merda da minha história inútil. No tempo que me fez perder, que desviou meus pensamentos do meu foco, e me fez agir como idiota (pois eu não queria lhe assustar com minhas loucuras ou com o que sou realmente). Pensei na gostosa do Guançã (citado em meu livro) que dispensei de comer no mesmo dia, mais cedo, porque você ia vim aqui, byatch. E essa foi retribuição ao *“Melhor dia da sua vida”*, né? “... Mas agora decidi matá-la.

Tudo bem. Fraquejei ao receber mais um convite daquela puta – aliás, mais respeito às putas -. E mais uma vez só gastei meu tempo com sua inutilidade cheia de medos e considerações finanço-fodásticas.

Sei lá, talvez isso seja o prenuncio do final dos tempos, um presságio de mau agouro, ou talvez essa merda seja algum tipo de apocalipse literário que irá julgar esses loucos que escrevem.

Até o talo das nuances vitais

Levi virou um mito ao subir nas torres de energia do terminal de cargas após ter levado quatro tiros da polícia. Era o fim do último malaco vivo. Levou mais três e caiu dos oito metros de altura direto no entulho que havia embaixo. Foi algemado e o laudo diz que a causa do “apresentado” foi “Asfixia por enforcamento”!.....

2

O Pirata, lá do Brás foi o décimo sétimo a penetrar aquela ninfa novinha e ainda teve coragem de perguntar pra mina: “Por que você faz isso?”.

3

Seu funéreo comeu a mulher do pedreiro da rua oito e apanhou da mulher, na rua, em horário nobre.

4

Eu, por outro lado, não tive maiores problemas com a lei e andei comendo uma publicitária pelas ruas da capital, adjacências da Paulista. Ah, saudade de tu cuerpo magrito, mamasita.

Que priquitones.

Sobre vagabas que rendem livros

A cigana do terminal acertou até na data. Dia um de novembro foi lançado um livrinho meu. Se tudo for como ela disse, vou me tornar um velho famoso que estragou sua carreira devido a surtos psicóticos e amantes tresloucadas. [Até me deu um gélido arrepio agora].

Velinhas???

Legal não ser lembrado! Se eu tivesse aparecido no Faustão em 2007 pode ter certeza que teria um milhão de fulanos por aí me parabenizando. Meus vizinhos iriam colocar uma faixa dizendo o quanto me amavam, meus parentes iriam estampar camisetas com fotos minha e os conhecidos mais próximos iriam contratar algumas strippers para saírem do bolo.

A única coisa que aconteceu foi uma doida que apareceu no meu scrap dizendo que meus textos mudaram sua vida. Foi style. [Depois acabei a engravidando, mas perdemos o piá de forma natural – belo adendo a esse texto eim, não pra mim].

Nesta longa estrada da vida

Não lembro a cronologia, pois nem quero. Só sei que tem esse meu amigo, que vou chamar aqui de Johnny Rivers, que é um cara pelo qual tenho uma puta consideração astronômica, chegou me dizendo que queria fazer não sei o que, um espetáculo, sei lá, mas envolvia justamente quem... Adivinha...

E lá vamos nós. Queria voltar cedo, mas logo descobri que haveria uma longa jornada até a casa dela. Fomos. Tudo que vinha a mente era: “Por que Deus, esse cuzão, insiste em me jogar sempre nos lugares onde não quero estar e com quem não quero estar?”

Acabou como previ: Demorou pra caralho. Puta tédio: ficar diante alguém que você acha que lhe aplicou um belo 171 somado a um chá de cadeira e está querendo matar de sua memória, é uma merda. Mas tudo deu certo! E acabou que na volta voltamos enchendo a cara e ao invés de voltar pra onde deveríamos, ou seja: voltar; acabamos voltando para o lugar de onde estávamos voltando (entendeu?). Mas tudo bem.

Tudo bem. Foi legal, quer dizer, foi legal ficar bêbado. Foda é dormir na beirada... Johnny Rivers ficou em lugar privilegiado, entre duas belas moçoilas. Eu em um canto, minha piéride láááá na outra. Mas tudo bem sobrou uma bundinha virada pro meu lado e eu estava são o suficiente pra manter a sutileza lúdica. E já que quem é de fora – ou seja: quem não come ninguém da casa – não tem direito a escolher o lugar na cama, então sobram as bolinações na encolha!

Tudo bem. Dei aquela ralada maldosa e cheia de vontade para verificar o nível de hostilidade desses campos desconhecidos e recebi uma rebolada para trás, indicando que as tropas eram bem amistosas. Tentei lhe retirar calça e calcinha em uma só puxada, mas ela percebeu que Johnny Rivers admirava a cena com certo voyeurismo amador, puxou a calça pra cima, jogou o braço esquerdo pra trás e pegou meu pau como se dissesse “Só assim esse leão acalma”. Johnny disfarçou um sono, muito mal disfarçado por sinal. Voltei aos ataques sadios e ouvi um “Não posso”, sussurrado. Perguntei: “Vermelho?”. Ela disse “É que eu namoro há quatro anos”. Aí me perguntei: “Se namora há quatro anos, por que está masturbando meu caralho embaixo do cobertor há muito mais que quatro minutos?”.

E, por Jim Carey, sempre protejo o Alexandre Magno, mas se Johnny tivesse se tocado que ficar quieto iria me render uma foda, eu iria comer aquela minha, em prato frio, sem camisinha nem nada e não estaria nem aí.

É Johnny, pensando bem, você me salvou.

Que caia a porcelana, agora é “tudo pelos donuts” (ou: todas são iguais)

Jingle bell, jingle bell, jingle bells rock. O aquecimento no setor is commin’ back arround again. Muita coisa rolou, muito sangue desceu, muita fumaça subiu, muitas periquitas foram babadas. Aquela doida do scrap queria que eu fosse “vê-la” em Curitiba. Sua foto mostrando barriguinha, lindo capô de fusca por baixo de um lindo biquinho e a piscina ao fundo eram grandes motivadores de minha ida. Mas não rolou.

Tudo bem. Eu havia planejado passar natal e ano novo sozinho, revendo erros e fingindo que iria mudar...

Várias loucas começaram a surgir desde novembro. Teve uma imbecil que me disse exatamente assim: “Se você agisse um pouco mais como escritor eu até daria pra você”, só respondi: “O dia em que eu começar a agir feito um imbecil pomposo eu corto meu pau com uma serra - elétrica” e já deletei da minha vida.

A maioria dessas minas vem com essas promessas furadas de “vou te ver” e fica só embaçando, me enchendo com chorumelas, pagando de interessadas e trocando idéinha furada com tom de “papo cabeça” – dessas que elas acham inteligente quando discorrem em bares e os caras dão a maior razão, sabe? – pra matar tempo e tentar se convencer se deve aparecer ou não. Mas ando perito em sentir o cheiro, a anos luz, de quando vai acontecer essas situações, mas dou trela só para provar a mi mesmo que novamente eu estava certo, que sou mais foda que a mãe Dinah em minhas previsões e que todas são iguais. Mas, sinceramente, eu funciono pelo meu tempo, que basicamente é “Ou agora ou jamais” e não posso mais perder meu tempo com o medinho de branquela rica, metida a loucona porque fuma maconha, toma cachaça e lê livrinhos supostamente “marginais” – o interessante é que é só marginal de classe média alta - e anda com os punks de Citroën e vomita na Augusta. Outras vêm com aquele papo de “Vem me ver, mas só me ver”, mas, porra, se eu quisesse ir a algum lugar só pra “ver” uma fêmea, eu iria à merda do zoológico. Que diabos de papoé esse de vem me ver? Se não for rolar nada cada um que fique em sua quebrada e contentem-se com o MSN.

Chega de leitorinhas duvidosas, com medinhos toscos e gente que acha que, pelo que escrevo, sou um Lobão – digo: em aparência - da vida, que curte Green Day e anda de saveiro zero rebaixada, ou que sou um cara de camisa flanelada com uma péssima assepsia que passa horas em locadoras e sebos, mas quando veem que to mais prum latino desempregado que limpa a piscina dos artistas de Hollywood, como bico, tudo que sobra é abracinho com auto teor de falsidade... Hum. Teve até uma mina que acho que achava que eu era traficante, pois vivia me dizendo “Quando vier dar um rolê aqui no centro traz uma baseado pra gente fumar?”. Pô e me pagar um boquete que é bom nada, né, safada... Style mesmo foi a nórdica, puta duma gostosa. Mandou uma foto nua em meu e-mail, assim, do nada, ajoelhada, de costas, sem ao menos respirar, antes de maiores idéias. Não teve nem como não sacar o cacete pra fora e homenagear a atitude daquela mina. Era o mínimo que poderia fazer por ela, mas deixei-a como fundo de tela no meu PC por alguns dias. E, porra, parabéns pela atitude. Além do olho de arco-íris, que delícia te pegar de quatro, que delícia esbofetear seu rabo, que delícia me deixar filmar. Só me desculpa por ter gozado na sua garganta sem avisar, mas é que ando diluindo o câncer (e se avisasse talvez não deixaria eu me deleitar em sua boca mágica)!

DJs rock the house party

Os caras do coletivo de Barijo meio que se revoltaram após o primeiro evento ter sido

adiado para dali um mês. E o motim foi armado em forma de sumiço. Todos evaporaram. Naquela semana antes do natal e algumas outras depois dela, Barijo e eu passamos várias madrugadas na rua, trocando ideias (e expulsando os noias que ficavam no centro cultural, no soco). Ele falando sem parar um segundo. Falava de seus planos, projetos e muita ideia... O tempo me mostrou qual era a real sobre Barijo, mas não é disso que vim falar. Só sei que enquanto ele falava, eu não conseguia ouvir muita coisa, uma porque era a mesma conversa todo dia – parece até eu, pô – e outra porque só conseguia pensar: “O que fode minha vida é o fato de não saber o que quero pra ela, justamente porque a gama das coisas que sei fazer, ou que posso vir a fazer, bem feito, é muito ampla, muito abrangente, quase ilimitado, e isso me deixa em uma eterna indecisão. Me deixa sem um foco principal”.

Avenida do poeta

Foi a primeira virada que me senti realmente bem! Talvez por ter passado sozinho, com meus planos (que geralmente são furados pelos alfinetes da falta de infraestrutura). Parecia que eu tinha alguns.

Estávamos na Fronteira queimando um Jones. Barijo saiu fora e decidi ver o céu pipocando suas estrelas de ascensão meteórica e rápida duração. Faltavam uns quarenta minutos pra começar aquele showzinho universal de falsidade, decepções e filmes criados em um mundo onde as crianças não têm gripe, não passam fome, nem arrancam catota com o dedo. Decidi ir embora também.

Encontrei uns malucos que sempre vejo rondando o centro cultural e que sempre me cumprimentam, fervorosamente, como se eu fosse alguém de ouro. Os caras disseram que tinham roubado não sei o que lá, não sei aonde e me chamaram pra fazer não sei o que, ali na Fronteira. Lembro que perguntei: “Vai rolar umas vagabundas”. Não entendi a resposta, entendi como um não e continuei meu rumo.

Um bilhão de pensamentos na cabeça do narrador poético. Um enxame lírico atentava-me os neurônios como se fossem meus sonhos depostos, de adolescência, renascendo após o grande soco da verdade. Um bilhão de pensamentos sobre o futuro (pela primeira vez). Só é pena que comigo esse tipo de pensamento não dure mais que uma semana...

Mais fogos estouraram na cidade das pessoas de artifício quando decidi procurar, meticulosamente e com cuidados arqueológicos, o primeiro som do ano. Nem precisei. A televisão estava ligada na TV Cultura e ao invés de ouvir o primeiro som do ano, ouvi a primeira trilha sonora. Foi meio inacreditável, pois eu havia sampleado aquela música não havia nem dois meses. Barijo estava no messenger quando eu disse: “Liga aí na Cultura”. Ele respondeu: “Ô. Não é a música original do seu sample?”. “É ela mesmo, muchacho, ela mesmo!”. O filme era “Durval Discos” e a música é “Mestre Jonas” na versão da banda “Os Mulheres Negras”. [Será que enfim o universo decidiu conspirar ao meu favor?... Já estava na hora! Mas a essa altura eu já havia assimilado que o universo só conspira ao meu favor quando quero que esse filho da mãe conspire – mas no final era só impressão].

Às três e meia da matina, após a quarta caipirinha mal feita, pensei em ir à Fronteira queimar um Jones e cometer um “vinhocídio”.

Faltava um quarto de vinho para secar a garrafa quando ouvi a Moska Wheels atritando no asfalto e se aproximando. De repente ouvi: “E aí, loco. É você mêmo!”. Pensei: “Pode matar logo, pois já to no clima de ir pro céu”. Era um cara que me odiava, desde uns tempos atrás, sei lá porque. E de repente ele senta-se completamente bêbado e cheirado ao meu lado e diz: “Tem caneta aí, ô seu cuzão?”. “Lógico, porra!”. “Então assina essa porra aí porque te admiro pra caralho, seu filho da puta” e me jogou um livrinho de edição limitada que fiz para vender na feira do dia vinte e seis. Nem pensei em nada, só saquei a bic azul toda

mordida e escrevi: “Este aqui é sobre vagabas que rendem livros... Mas aí, valeu por não mais me odiar”. Ele nem leu, apenas disse: “Porra, mano, antes de ver seus tramos eu achava você um puta dum cuzão metido a besta, mas percebo que você é um puta dum cuzão talentoso que não é metido a besta, mas que deveria ser porque você é digno!”. “Valeu”. “Falou aí, mano, vou me jogar”. Subiu no skate e saiu remando, fazendo aquele atrito no asfalto que faz um som parecido ao do metrô chegando (na estação Tucuruvi). Acabou o vinho. Decidi ir embora pela própria Avenida do Poeta, que é a rua que atravessa a Fronteira. [A Fronteira é como se fosse uma mini-pracinha que fica em frente aos “predinhos” (e ao terminal de cargas da zona norte de São Paulo) e corta a Avenida do Poeta, impedindo a passagem de carros. Onde malacos, viciados, músicos locais e prostitutas, confraternizam a vida fumando cigarros da paz – dali tirei a marca “Fronteira” para assinar algumas coisas que faço]. E foi uma ideia não muito boa, pois no caminho encontrei o Chocotone e um burburinho em frente aos predinhos. Ele me viu e veio até mim, disse que estava indo matar um moleque idiota por motivos que só os bêbados realmente muito bêbados compreendem. Eu disse tanta merda pra ele, mas tanta, que no final ele começou a chorar, descarregou o canhão jogando as balas no chão, depois as chutou para a boca de lobo, me abraçou, disse que ia vender aquela merda de revolver e que eu era foda.

O moleque foi encontrado morto em outro bairro. Outro cara fez o trabalho no lugar do Chocotone... Bem vindo à 2008.

Fronteira Hits

À noite iríamos começar a divulgação do evento. O que incluía: lambe-lambe colados em postes, política de boa vizinhança no meio do caos, idas à eventos alheios, foda com velhas ricas e aliciamento de ideais alheios. Barijo e eu na incumbência solitária das piores partes. Eu meio como voluntário, pois não posso seguir o sonho dos outros, por mais foda que seja esse sonho, muito menos posso me envolver em pequenos começos de aristocracia periférica. E, talvez, hoje, Barijo não lembre, mas o que dei ali não foi (só) sangue, foi um puta exemplo de amizade justamente na hora em que todos seus amigos sumiram, decepcionados pelo adiamento do evento. Mas firmeza, todos esquecem o que acham não ter valor; é assim mesmo.

Mas pra fechar este trecho, exercite sua mente aí um pouco. Use sua imaginação (ou ao menos tente usar essa porra). Coloque “All along the watchtower” do “Jimi Hendrix” e imagine dois mal acabados andando pelas madrugadas com mochilas cheias de flyers, lambe-lambe, informativos e garrafas pet cheias de cola de farinha, andando dentre os becos que ficam abaixo das torres de energia que cortam o bairro lado à lado. Muitos becos, raros bulevares.

Cerrado eletrônico

Nosbor, grande amigo meu lá de Brasília apareceu na Garoa Land. Pouco tempo antes veio um cachorro azul, professor, que uivou, bêbado, a noite toda, com Barijo e eu em um bar sitcom. Um barzinho de merda que tem num bairro aí onde a população é formada por languidos de todas as espécies, metidos a “artistas” – mas tudo bem, lá conheci uma gatinha das quinquilharias, coisa assim -. E, junto com os caras, surgiu o assunto “Putas”. Sei lá, cara. Acho que falo tanto disso em textos porque todas as mulheres que tiveram a dádiva (quer dizer: coragem) de dar pra mim eu consegui ter intimidade suficiente pra chamá-las de puta (e fazer de puta), putinha, devassa e outras cositas. Porque, na verdade, saí apenas com três putas na vida. A primeira foi mó merda porque a vadia nem manjava da

arte da foda insana e depravada (em meros trinta minutos) e mal mamou na bilola. A segunda não era bem uma puta, era a ex-mulher de um cara que tocava não sei o que lá em não sei que merda de banda punk dos anos oitenta, uma puta gata estilosa que me deu o cu – detalhe: só o cu – em troca – detalhe: em troca – de uma garrafa de licor de menta (R\$ 15,00). Foi bem mais barato, fiquei umas quatro horas comendo aquela cachorrone, só parava pra limpar o suor e só parei devido a interrupções invasivas de terceiros no quarto. A terceira foi cortesia de um amigo escritor, que anda dizendo que precisa tomar jeito na vida. Esses escritores (os coitados acham que um dia vão tomar jeito, kkk)...

Cwba

Ana tornou-se não só uma futura foda gostosa, mas uma espécie de companhia do meu eu eletrônico. Às vezes ela fazia umas perguntas estranhas, mas isso é bom, significa que do outro lado tem alguém com um cérebro cheio de questões sem saída e não alguém que queria apenas matar dúvidas. Legal.

Ela estava cogitando cair pra São Paulo – sampa é a mãe -. E, se essa cidade queria retribuir os bilhões de odes, epopeias e outras classificações imbecis de formas de escrita que lhe dediquei, esse seria o presente, bem ao meu estilo. Long dick style of rhyming. E o mais legal é que quando a cidade finalmente decidiu retribuir presentes, foi bem no dia de seu próprio aniversário.

Fui buscá-la na rodoviária do Tietê e percebi que aquela loirinha dos olhos de mel era bem mais gata que nas fotos. Yeah, i fuck like a river.

Ali, na Cruzeiro do Sul, esperamos quase uma hora por um ônibus que nos levasse ao centro, sendo que geralmente eles passam de dez em dez minutos, mas quando finalmente chegou, fomos ao hotel. A cidade estava em festa. Havia comemorações em vários pontos da cidade. Saímos pra assistir algum show e percebemos que atração mesmo era nós pelados na cama, mandando ver, quebrando tudo.

No outro dia pegamos o ônibus sentido Edu Chaves. Tive que deixá-la por algumas horas no hotel (esse ficava na rua do evento), pois não queria que ela participasse da burocracia que eu teria de encarar antes da festa (ou seja, não queria que os outros dessem em cima dela).

Ela, foda demais, compreendeu antes mesmo de tentar explicar. “Eu sei que sua vida é assim mesmo e eu não quero me tornar um empecilho aos seus planos, pode ir lá fazer o que tem que fazer, eu vou pedir uma Smirnoff, só não me deixa aqui sozinha senão me perco. Se por acaso você estiver ficando com alguém e não quiser que eu vá, não tem problemas...”. Que mina demais. Fui até o pico, arrumei meu standezinho e só, pois tudo já estava adiantado, adoro isso.

Barijo pediu para que eu espalhasse os flyers que sobraram pela avenida ali perto e me pediu pra esperar. Esperei e me apareceu um puta maluco estranho, montado em pernas de pau. Até então eu estava cagando para aquela companhia inusitada, mas já nos primeiros cem metros ficou claro como o dia no Alasca que o cara era um puta de um mala. Sabe: mala universitário? Os piores!

Minha intenção era pegar os dois lados da avenida, ida e volta, rápido e eficiente, pegando o público alvo do evento; jovens em geral. Só flyers em mãos certas. Mas aquele imbecil da perna de pau viu uma praça cheio de aposentados jogando aqueles jogos que os aposentados jogam e desembestou pra lá. Expliquei para ele qual era meu plano, o porquê eu tinha que ser rápido (tinha um último ensaio em meia hora) e o porquê não podíamos convidar senhores e/ou crianças, mas não adiantou. Aquela besta correu até um playground onde estava um monte dessas mães solteiras gostosonas e ficou dizendo pra levarem as

crianças pro evento, e, pra piorar, disse pra levar dinheiro, justamente na parte grátis do evento, que seriam os espetáculos teatrais. Porra, cara, é um evento artístico, mas não um evento artístico infantil e só de ter minha participação no evento, deveria ser proibido a entrada de crianças, idosos, cardíacos, menores de vinte e um e comediantes vestidos de foca.

Desisti daquela besta e sai andando pra fazer o que eu tinha que fazer. Aquela anta me seguiu, chutou a bunda de um segurança de uma loja, ficou implorando chocolate pro dono de outra e por uns dois minutos pensei em passar a banda nele só pra ver sua jaca explodindo no chão.

Fui embora e a besta veio novamente atrás. Nem tinha como eu esperar as micagens de terceiros. Mas em respeito ao alguém de dentro que convidou o fulano eu nem disse a ninguém sobre nada que aconteceu. Aliás, eu disse à Ana quando voltei ao hotel. E quando cheguei à porta do pico trombei o Barijo e voltamos ao centro cultural pra fazer a prévia do logo mais.

No ensaio o Barijo recebeu um telefonema dos caras que ficaram cuidando do pico do evento. Escutei os caras dizendo que o maluco da perna de pau estava na porta do evento, cobrando entrada de uma coisa que seria grátis e tive um puta ataque de riso. Mais tarde o Barijo enxotou o fulano e, cara, esse mano não tem noção de como a morte rondou seu pescoço no tempo em que Barijo e eu não estávamos perto. Esse bairro aqui é foda, na hora das tretas tem nego que liga pra própria mãe e diz: “Traz uma enxada e os vizinhos que é nós”.

Voltei ao hotel duas horas mais tarde que o combinado. Culpa do mala e da bike que me emprestaram pra ir ao centro cultural e depois foram lá pegar de volta. Ana compreendeu, sendo a grande mulher que estava sendo. “Pensei que fosse me deixar aqui”. “Não você, Ana; não você”.

Tomei um belo banho, fumando um, após uma rápida boqueteada – odeio rapidez em fodas mesmo que sejam orais, mas teve que ser assim -, uma boqueta que descabelou as horas que Ana passou arrumando o cabelo. Reparei que da janela do banheiro podia ver as velhas torres de energia com toda sua imponência elétrica. Terminei me troquei com a calma que nunca tive. “Não estamos atrasados?”. “Sim, mas não. Vou pedir uma cervinha e já vamos”. Bebi pra caralho! Vi a apresentação dos maloqueiros da poesia e pirei, muito bom, quebraram tudo, merecidamente. E assim que eles terminaram o show Barijo me chamou ao palco e disse: “O que você acha, vamos cancelar a apresentação e já jogar as bandas?”. Eu nem disse nada. Só sei que um cara da produção se revoltou e disse: “Vai tomar no cu, vocês ensaiaram tanto agora tem que rolar”. E eu nem disse nada, pois como já disse em algum ponto deste texto, eu estava ali voluntariamente. Nunca fiz parte do coletivo dos caras e tenho uma leve – leve como uma baleia azul – impressão de que (os sectários de Barijo) nem me querem por perto. E como já disse a Barijo, eu não concordo com muita atitude e com muita gente que virou “diretoria” do negócio, me ausento por questões ideológicas e por acreditar no que acredito e só, no mais a amizade é a mesma, a não ser que alguém queira guerra. O estranho é que depois de deixar claro por que minha saída teve nego que ainda tentou fazer as coisas parecerem como se eu tivesse sido limado, normal. E essa foi mais uma prova cabal às convicções que só dizem respeito a mim. Se muito nego nesta megalópole achou que eu era um dos “organizadores” é porque viram o sangue que dei pela ideia que nem era minha (o que vai contra todo meu conceito de religião), mas lamento informar aos fãs de bancas, coletivos e essas coisas que envolvem uma união que tende ser hipócrita: que só trabalho sozinho!

Enfim começamos a apresentação. De cara me deram uma guitarra muito estranha, com

braço antigão e pesado e sem a mizinha, normal. Tinha gente que nunca vi na vida andando pelo palco como se fosse uma praia em Miami, uns fulaninhos afinando instrumentos, enfim, tudo errado, como se explodissem todo e qualquer protocolo, normal. Mas tudo bem. Foi legal.

A coisa que me deixou verdadeiramente puto foi o fator “atravessadores”. Porra, cara, tem coisa pior que estar tocando e vem um debiloide e atropela seu som com outro som nada a ver; geralmente são aqueles punkzinhos ridículos em bicordes desafinados. Porra, acho isso foda tocando na calçada, imagina em uma apresentação. E pra piorar teve um fulano que começou a tocar bateria, do nada, sem nem fazer parte ou ser convidado, num compasso que não fazia sentido nem em marte. Pra mim isso foi o fim, mas fechei os olhos, voltei ao começo do fim e me tranquei em um mundo de notas musicais (sem retorno).

Maldito voluntário

Não me peça cerveja, conterrâneo, pois neste salão meu poder é nulo. Sou um mero voluntário que fora limado pelas chacinas de Caim. Você ta viajando, meu poder é nulo.

TV a cabo

(som: Man's world – James Brown)

Ao descer do palco Ana me disse que havia exagerado na pinga com mel. Perguntei se queria voltar ao hotel e ela disse que sim. “Mas você pode ficar, só me leva lá, depois volta”, “Não, gata. O que eu tinha pra fazer eu já fiz. Meu trabalho is over. Já divulguei e me apresentei, agora sou obsoleto. Esse negócio de ir em pico pra pegar “contato” não é da minha laia. Isso é o cúmulo. É maquinamente torpe”.

Na saída um cara veio marcar minha mão com um carimbo, um gato pingado que não fez porra nenhuma, mas alguém decidiu dar autoridade pra ele ficar na porta. Algo me fez parar no tempo, relembrar tudo que fiz pra que aquilo que estava rolando funcionasse e quando voltei a realidade, me senti como um gado sendo marcado por um funcionário qualquer da fazenda. Voltamos ao hotel.

Café da manhã: drinques e fodas no espelho. Lembrei que na festa Barijo havia me dado a chave do centro cultural e decidi que ao final do pernoite iríamos pra minha casa, para caso os caras precisassem da chave e pra não gastar com mais uma diária.

No final da tarde liguei pra Barijo... “Mano, cê num acredita: fui preso”. E pra poupar minha tendinite e encurtar a história (que já foi dizimada pelos cortes), o que aconteceu foi que durante a tarde os caras foram ao centro cultural guardar as tranqueiras que estavam na festa e, ao invés de me ligarem (pois sabiam que estava acompanhado e não quiseram me incomodar), decidiram quebrar o cadeado e entrar lá. Na saída, depois que tudo estava guardado, bem na hora em que foram colocar o cadeado de engana trouxa e fechar com um barbante, passou duas motos da Rocam, que pararam na hora e acusaram os caras de “invadir a escolinha”. Nem adiantou dizer qual era a real, que ali era um centro cultural e eles são os “donos”, pois chamaram mais seis viaturas. Encontraram o dinheiro da festa com Barijo e o policial que achou a grana, pelo que Barijo disse, começou a babar pelo dinheiro como se fosse um lobo olhando um porco e dizendo: “Bacoon” – como no episódio do pica-pau faminto -. Ele chamou Barijo de canto e disse: “Vai embora, mano”. Barijo perguntou: “Cadê meu dinheiro?”. “Mano, eu já disse pra deixar como ta, vai embora”. Barijo insistiu: “Cadê meu dinheiro? Trabalhei por dois meses pra levantar essa grana que é pra pagar as cervejas da festa que demos ontem”. O policial virou a própria besta nesse momento: “Ah é, você quer seu dinheiro? Vem cá”. O milico levou Barijo até a

esquina da Avenida do Poeta, onde fica o centro e mandou ele ajoelhar. Fizeram lá toda aquela ceninha inútil que a polícia faz quando enquadra um pobre e depois o tal policial disse ao Barijo: “Você quer seu dinheiro, então vai ter que assumir toda aquela droga que achei ali atrás. Vai ficar uns doze anos no X antes de ver seu dinheiro de volta. E aí, vai assumir”. “Eu sou trabalhador, se você quer que eu assumo o que não é meu, eu assumo. Mas é você que ta mandando”. Detalhe: não havia droga nenhuma, pois ali não rola nada disso, só tinha livros lá dentro. Algemaram Barijo e um outro cara - o famoso Negro Tim Negro da R. Cavalgada - e os levaram. Chegando à porta do não sei quanto DP o policial voltou a insistir: “Vai assumir mesmo por essa merreca?”. “Eu vou”. O gambézinho devolveu o dinheiro ao Barijo e disse: “Vaza”. E nessa hora eu me pergunto: cadê a maldita comissão de direitos humanos? Cadê a porra da ONU, UNESCO, cadê a merda do jornal nacional e suas tendências ditadúricas? [Cadê as oficinas de literatura?].

Por outro lado, sei lá, fiquei admirado por Barijo ter ficado tão impressionado com esse acontecimento. Pela história de vida dele isso não deveria ter impressionado tanto. Talvez eu esteja calejado às merdas que ocorrem nessa cidade. Talvez por ver isso como apenas mais uma história de quadro. Tenho as minhas pra contar, mas nem quero. E tudo que tenho a dizer sobre ter ouvido esta história é: “Barijo, após dois anos de sua estadia nessa joça, finalmente: Bem vindo ao Edu Chaves”.

Barijo disse que nos acompanharia até a rodoviária. Desliguei.

Ana foi demais em tudo. Puta dum companheirismo, cumplicidade depravada e desbravadora. “Lado a lado” como dizem os moleques metidos a malaco.

Recebi a última devassidão oral de Ana e fomos encontrar Barijo no ponto. O busão dela partiria vinte pra meia noite. Desci a rua sentindo a baba de Ana congelando meu saco por culpa do ar frio que arremetia. Da hora.

E não me venha com putas lânguidas

Me acostumei muito rápido com Ana. Talvez porque ela não colocasse obstáculos para nenhuma de minhas mobilidades, nem me obrigasse a tentar agir como uma dessas pessoas normais e mesmificadas que você encontra na Paulista ou descendo a Augusta ou na Vila Madalena. O que fudeu 2007 foram os excessos dessas loucas meia-boca que me obrigavam subliminarmente a me retrair para não assustá-las com o que sou realmente: um puta dum louco depravado que tem excesso de hormônios. Parecia que eu era obrigado a ser como um desses lânguidos aviadados de camisa de flanela que aparecem nas entrelinhas opinando sobre os clássicos cuzões da literatura de merda.

Barijo e eu, após sair do terminal, íamos atravessar a ponte Cruzeiro do Sul para pegar o busão em frente ao Center Norte. Paramos no meio da ponte para fumar um Jones e ficamos observando aquele rio de merda lá embaixo.

Muita coisa havia se passado e eu ainda carregava a velha sensação de que “nada acontece nunca”. Sempre esqueteando Deus com navalhas de afirmações maldosas devido a esta vida de merda. Não por dúvidas e “porquezinhos existenciais”, mas por excesso de consciência, por saber que tudo que fiz é muito mais do que andam fazendo, mas mesmo assim ainda acho que tudo que fiz é pouco, mesmo tendo feito coisa pra caralho com um conteúdo delgado a cada linha de criação. Tudo que vocês leem é o resto de mim, Deus não permitiu que o mundo visse minhas mágicas quando as fazia, por pura questão geo-local-financeira. E, hoje, raros veem, pois meu brilho virou ódio dessa corja de iguais... Santa ambiguidade.

Culpados não morrem

Noite impiedosa. Sereno desumano. Nada mais perverso que a insensatez das esquinas. Nada mais em desamparo que os outros.

Com luz sobrou aurora, mas meu palco verdadeiro é noturno. Com noites ficaram escárnio, carnificina e o brilho melado das boites.

Por hora fica esta opera do malandro culto. Este tiro no asfalto que efetiva o som do ricochete lírico. Faroeste de palavras onde quem tem mais verdade em sua niquelada de aspectos vence.

Losers win (ou superstar d.j.s)

(som: No Regrets – Delinquent Habits)

Putá duma gata... Tanto que nunca usei este termo pra definir gostosura feminina, mas: Filé. Um puta dum filézão. Cavalinha daquelas que nenhum homem em sã consciência negaria-lhe o pau. Dona da festa (seu “níver”), não da casa. E não vou dizer que algumas semanas antes não havia rolado um certo clima, aliás, não foi bem um “Clima”, só recebi uma daquelas olhadas pausadas e brilhantes que as minas dão quando estão pensando: “Este carinho é tão legal que preciso dar pra ele no banheiro”, depois que fiz algumas, digamos que fiz algumas mágicas. Alias, tem dias em que estou prestidigitando cabulosamente bem.

Foi lindo. Na frente de “todo mundo”. Muito legal. Inclusive na frente de uns cuzões miseráveis que precisavam mesmo receber uma lição em forma de “Vitória de quem detestam”. Foi style. Perguntei alto, grosso e seco, fazendo com que todos que tentavam impressionar se calassem e voltavam-se sua animosa atenção para mim: “É hoje? Ta com Clima psicológico?”. Ela virou aqueles putas olhões que pareciam aqueles faróis verdes de Chevette antigo, abriu um sorriso a lá Monalisa e disse: “E todo mundo?”. Respondi: “Ah, todo mundo que se foda! Vambóra logo”. E digamos que a festa se tornou mais privativa, aconchegante e foi movida para o quarto de cima. O mesmo onde Jack San Diego descobriu que um amigo era fruta. [Me chamem de hauli agora, otários].

Lá pras quatro horas ela disse que precisava ir embora, saiu do quarto, demorou um pouco e voltou. “Me leva lá?”, perguntou. “Vamos sim”. Chegando na garagem a dona da casa me deu a chave do Ford K e disse: “Vê se na volta não canta pneu nem dá cavalo de pau”, virou as costas e entrou.

Que cena linda. Em um segundo eu estava imaginado a gulosa que iria receber ao volante e em um minuto, eu dirigia apenas com a mão esquerda e o banco quase deitado. Achei um CD meu, que havia emprestado e coloquei, aí tudo ficou no clima do from la calle street music. “A cidade é nossa! “Humrum” ela respondeu de boca cheia – amo ouvir humrum -. Na volta passei nos canteiros do terminal por um saudosismo infantil. Fui ao lugar onde enterrei meu violão que foi quebrado por um meganha desgraçado. Espetei um incenso que encontrei pulando no painel do carro, na grama que havia crescido sobre os restos mortais do violão.

-Este é pra você, campeão.

Retirei o fino que a pomba-gira me deu após limpar a porra da cara, lamber a que voou em minha barriga, antes de entrar em casa.

-Este é pra mim, como não?

Acendi o incenso.

-Faça as honras, meu caro. Daqui a três dias é natal.

Depois explico sobre o “clima psicológico”.

Sobre o peso das madrugadas

[Assim que vi os raios do leste surgindo no horizonte do terminal, entrei no carro, coloquei este som: Take Money – Buckshot & 9Th Wonder e sai cantando pneu...].

Calvário indolor da besta. Eufemismo condensado em latas sobre rodas. Cai essa fina e serrada chuva e nem todo toldo da terra protege o male que nos corrói, da água. Nem toda chuva guarda letras de verdades ácidas como as minhas em suas gotas. Nem todas gotas atingem o alvo que temos estampado na testa, ou precipitam-se caindo em calos dolorosos. O panorama é califórnico, mas nesta terra engaroadada a pegada é outra. Outros frutos se colhem deste asfalto sem lei. Outro tipo de calo se adquire.

Na cidade de pessoas de artifício, Garoa Land em minha própria definição, os sentimentos dessa humanidade solitária são como lindas call-girls interioranas. As relações nesta cidade são prostituídas, então não valem se não pesam em euro e talvez por isso eu nunca me encontro nessa demografia, mas tenho livre acesso sobre suas depressões e colinas. Eu jogo com um alto grau de verdade (mas lembre-se que sou apenas um humano – e que vi muitos filmes de máfia acontecendo em meu bairro), e tudo que atravessa minha vida é no sentido de me tornar cada vez mais amargo neste dope game. Até pensei que após a última grande queda - a safada do tiozão rock n roll - eu fosse enfim retirar a misantropia do bolso, subir no pedestal do “eu sou foda, imbecil é quem não percebe” ou cair nos grillhões da morte. Mas não. Posso dizer que o milagre de ano novo foi da água da geladeira indo ao vinho do mercado instantaneamente. Graças as conclusões de ano novo descobri que minha vida se resume em três grandes erros: não ter sido ambicioso, ter sido legal demais e sempre ter jogado meio limpo.

Pensei em ser como o filho da puta que habita minha mente, mas, calma lá, esse negócio de “Una-se a eles” é coisa de sectário e eu sou criador, não posso seguir terceiros, nem fudendo.

E no grande mais, agora, apenas mudei a forma de enxergar algumas coisa e me tornei clinteastwoodmente imperdoável para outras. Sinto mais meu peso no chão, não por obesidade, mas por ter convivido com tanta gente vazia, eu fui ficando cheio... To cagando pro ouro do alheio, queridas. E pra vida eu dedico essa: “Seu público, seu aplausos, por pior que você seja”, como diria mister San Diego... Tão menos dolorosa foram bocas de veludo!... Tem um feto de um anticristo na privada daquele hotel, onde deixei todo o resto do que me fez mal. Matei muita gente que era do meu convívio, exorcizei um demônio atrás de outro, neste texto, que me incomodava e suspirei Alívio (como um bom caça-fantasmas). Mas a única coisa que mudou realmente é que já não espero nada de nenhum humano, quer dizer, nada que seja bom quem dirá imprevisível.

A mágica do atroz não morre, vê a fauna fecundando novos mortos-vivos. Cheguei ao campo do niilismo e novamente não me vi em nenhum daqueles rostos forasteiros. Mas adquiri certo distanciamento político para com os outros desde que cai neste campo, dotado apenas de paraquedas e granadas sem pino. E já não ligo pra São Paulo ostentando e sustentando suas vadias mal educadas, seus bares sitcom (que no fundo até gosto) – na real

um dia quero ter um – e sua cara blasé – mas sem neguinho blasé, sem cara bazé ou etc's-blasés -.

Ei, futuro morto, eu sou mais que o vazio, só não encontrei meu lugar no espaço. E, infelizmente, para o meu completo desespero, vou morrer assim!. E mesmo que toda noite eu encontre meu sossego sísmico altamente abalado pelo simples fato de saber que não me encaixo completamente em nada, como já disse antes, decidi ser filho da puta, sim, mas sempre sendo o que sou. Um cara que odeia manhãs e gosta de ouvir Sublime às tardes, indie-hip-hop à noite não passa de um porco lúbrico.

É... Tão menos desgraçadas suas noites sem aurora. A lua me espera e outro palco, sem nenhum holofote (ou groupies no camarim), me chama. Que deus perdoe os restos mesmificado, pois como já lhe disseram senhor: “Eles não sabem diabos da merda que andam fazendo”.

Estretiche (MaicknucleaR)

Estretiche. Perdida no metro um tanto quântica.

Um cálculo infalível. Soma de um velho título. De uma velha decadência pertencente aos anjos que caem bêbados no chão, a beleza do inferno. Derrama o cósmico mágico no que já é explícito ao sermos nós mesmos! Esparrama essa vital impulsão desesperada. Estratégia! Vai. Some no retrovisor. O portal derradeiro das coisas inseguras como fogão em finas placas polares. Milhões de quilômetros a um palmo de distância. Vem. Espero-te no lúdico. Aquele com bandeirinhas de países e luzes-Heineken.

Quem sabe: somewhere over the rainbow, quem sabe, no frio, vazio, do estacionamento desbotado-cinza, ei, señor: don't think.

-Think Ludic

-Ta vendo como você é foda. Já temos o nome do nosso bar – todos são foda com o vento a favor, mas ei, señor: don't think: Think Ludic.

Vai. Cintila noite aquosa como suores de garrafa trincada. Todo seu lúdico raiar iluminando manchas em calçadas, lavando almas artificiais que surgem na vereda de um licor que não desce.

Já viu asfalto azul? Coisa boba, mas nada se iguala. Vem. Fetiche.

Reverbera a luz do poste em minha rima entrevada. Meu beco favorito é o diabo no corpo das que tocam guitarra. Reluz cabelo ouro bruto, com propostas cênicas, cheiro-cio saindo pela boca. Expelindo conhecimentos profanos e tornando um louco, sultão.

Imagens, amostras delas, rabiscadas em sugestões sensuais de panos malucos.

-Aqui ta tanto frio.

-Então: gruda!!!!

-Amo esse seu jeito maloqueiro...

Maloqueiro...

...gostei da definição!

** estretiche é o estresse que o fetiche às vezes proporciona.*

Into The Noche (MaicknucleaR)

Esbofetear-lhe-ei a fuça
deixando marcas de oferenda herege.
Em bege
branco
no amarelo artificial que nos guia ao horizonte de cimento. Nada melhor que a noite pra
fazer seu champanhe suar a taça
lamber a calcinha de dentro pra fora em borbulhante êxtase
friozinho de alma se arrebatando
(sempre dá arrepio).
Tonitruante como quando faço a barba na masmorra do eu mesmo. Virginal como puta
velha, Into The Noche: para esfolar as solas na solidão da lua de gude, que tinge o chão com
a repetição de bases violentamente azuis...
rumores de novos dias!
Não olhe para o céu com perguntas. Deixe cair o orvalho. E que nossos atos falhos nos leve
pra cama. Pro lugar dos segredos expostos – cicatrizes (?) – e uso de suicídios leves
melancolia style dos filmes em preto e branco
paisagens urbanas em câmera lenta
luz de poste virando estrelinhas.
Hey, let the horn blow! Dê uma rasteira no anjo as ruas. Leve-o à nocaute com e-mails
marcantes. Passe a garrafa e um pulmão brilhante. Reverbere. Sim, reverbere! Vira. Fica de
ladinho. Vem cá. Deita assim. Sobe aqui, assim não, do outro jeito. Olha pra cá. Sim. Isso.
Pode olhar, pois estou a caminho do continente incógnito com a mochila de narrativas
mentais
O ônibus dobrou a esquina
e já te avistei.
Vem cá. Deita aqui. Into The Noche. Não se preocupe com nada, tem prendedor no
saquinho de farofa e eu vou te proteger. Sou o cara mais durão da cidade, em todos os
sentidos, você sabe
(não ri).
...Abajur e seu vidro trincado
suas músicas chatas em Mute
- continua-se o tingimento lá fora -,
hoje está tudo perfeito
dentro da noite.

Meu Doce Valium Star-Light (Maicknuclear)

Intro.

Um ósculo de latrocínio. De uma puta depravada. Deito sonhos em cigarros e anéis com câncer. Deixo florais em valas sem jarra.

Nem as putas nos compreendem a anestesia! Nem Freud explicaria esta fuleiragem sitcom de não saber que após exorcizar mil demônios cada um traria mais sete amigos bandoleiros para resolver a treta...

Mas firmeza. Profissionais não podem ser atingidos.

Tacada 1: Sardônia

A edição romântica de uma vida cheia promessas falidas e sonhos furados. Um espetáculo sem plateia, um show sem público, um camarim sem artistas, uma van sem groupies para lambar-nos a virilha, um blog sem comments aonde vou lapidando-me a base de frustrações dilacerantes, violência exacerbada e um frio desespero por mais um gole cortante de vida. Sem leme. Em um dos sete mares de Cabaços e Descabaçadas que me levam pelo braço, como uma acompanhante profissional à um nihilismo suicida e esperançoso. À mescla de Eu Posso o Que Der na Telha e “Você não pode, pois não se encaixa nos padrões”, que excita meu velho, inativo e incomensurável ódio, pois a confirmação de um dia frio para uma raça de sangue quente não é lá a melhor notícia do mundo.

Não! Não me incomodo em acender um rojão de doze estrelas pipocantes dentro do elevador que aguenta no máximo oitocentos e cinquenta quilos, sorrir sardônico pro reflexo ao lado, apontar o artefato para a câmera que tira toda minha segurança e dizer abafado, protegendo os olhos com um dos braços: “Herege, eu?! Culpe a prosa poética, porra, pois juro que sou normal” – ou ao menos acredito piamente nisso.

...”BOOM”. Você já viu estrelas? Pois ultimamente nem tenho olhado pra cima! Em meu mundo não vejo (e só enxergo) meu umbigo. Mas este show de horrores que os outros costumam chamar de vida me obriga a abrir Pandora Box toda madrugada, sem dó nem piedade...

Parcimônia e serra - elétrica. Láudano e leviandade. Toda a poesia do mundo em um só clique nesses portais recheados de Nada. Antenas que não colaboram com minha sintonia. Mato de coelhas que não caem de boca. Psico na mão de Pata. E a certeza de que os dias talvez nunca sejam melhores.

Todo dia esquartejo Deus com uma faca de plástico de festa de criança. E toda noite encontro meu sossego sísmico, altamente abalado, no fato destruidor de saber que não me encaixo completamente em nada. Esse fato pulverizador, de não ser de laias, que me joga calado nos cantos dos eventos, vendo tudo que é mortal improfícuo sendo confundido com um deus da maionese, mas não vem ao caso!... Tem gente subindo pedestais de escada rolante e ainda tem a audácia ignóbil de confundir Status com Divino, Amizade com Talento e meu Dom com porra nenhuma. Mas foda-se, pois se Joyce é Deus, eu sou Jim Carey...

(Herege, eu?! Culpe a prosa poética, porra).

Os que realmente me conhecem sabem que sou ácido por natureza, largado por opção e um maldito paradoxo nato. Mas minhas letras andam sentimentalmente lúgubres e isso é péssimo sinal – pois ando até disparando em alvos civis durante meus surtos psicóticos. Na

verdade, não perdoo nem os coelhinhos quando “to com a gota” -. E assim, do meu jeito, eu vou. E continuo indo. Mas conto com a esperança que jaz baleada no porta-malas e com a capacidade que a vida tem em ser irônica, para amortizar a peçonha alheia quando as coisas começam a ir bem e os garranchos tornam-se cada vez mais potentes enquanto assisto o pica-pau e penso no próximo rabo onde depositarei todas minhas duras derrotas. O amargor de minhas tristezas lúdicas. E as gafes que não cometi. Para depois ganhar a rua, manter o fudismo de meia tigela vivo ao levantar o zíper com asco e voltar para o cúmulo da solidão corrosiva, onde guardo ursinhos sem pelúcia. E ouro sem quilate dentro de um quadrado azul.

Juro! Juro que não gastarei mais meu tempo com tentativas que sei estarem previamente fadadas ao fracasso – caso eu extraordinariamente consiga fazer isso! -. Te juro, o cu do MASP cagou em minha face de Quasímodo e que isso bastou para que eu caísse na real e percebesse que Amar é pra quem não pensa, pros fãs de Belle e Sebastian e pra quem nunca teve uma só espinha na cara durante a imbecil adolescência... Amar?! Meu ovo!!!. Vou é ilustrar as balas de diamante que descolei para alvejar qualquer porra de musa que inventar de surgir na reta dos meus amores inventados. Meus exageros Cazuzianos mais que extrapolados. Pois se mulheres só amam o que podem ostentar, eu busco apenas alguém que, se um dia eu subir na vida – pois é óbvio que fudidos não tem vez (e eu estou atualmente fôdido) -, não me “ame”, só pra “mostrar” para as amigas invejosas... E que chupe gostoso, lógico!

“Nas bolas, amor. Nas bolas”, pois baixaria mesmo é nascer brasileiro. E pra quem AINDA não sabe o sonho de todo Homem é possuir sua própria puta, ou retirar freira uma freira da zona. O resto é tudo uma grande viadagem lírica. Prosa pra boi dormir. Máquina de encher linguiça com links vazios de Os Ditos Eram, ou quiropatas eruditos.

Tacada 2: Pandora is Open para o submundo

-Chupti, chupt, chup, slupt, glupt...

“Ontem (dia 1 de maio) um policial quebrou meu violão em mais uma daquelas “batidas rotineiras onde quebram seu violão porque um de seus amigos foi pego com dum mero baseado e você não estava no melhor dia e começou a discutir com a lei fake”, ta ligado?!. E hoje, antes do amanhecer, fizemos as honrarias Edu Chavenses. Com duas pás que trouxemos no velho Dodge barulhento. Barata e eu cavamos um buraco em um dos canteiros centrais, dentro do terminal de cargas da zona norte de São Paulo, perto de onde ficam as putas feias e os viciados em crack. O farol quadrado iluminava o chão arenoso lamoso. Solange entornava um resto de vinho azedo, a Dri carburava uma ponta e Mister Z deitado, entrevado, na calçada (completamente possesso pelo álcool)... Peguei o Violão Atômico no banco traseiro. Primeiro alguns de seus mil pedaços, depois o que sobrou intacto... “É estranho lembrar esse fato durante o ato de receber um b...”. Ninguém disse nada. Apenas pedi para que me deixassem só (ou seja: que calassem a boca)... O sol, como sempre, nasceu na hora errada”.

-Chupti, chupt, chup, slupt, glupt...

“Odeio quando vou registrar apenas uma folha de sulfite apenas. E digo que registro, não pelo registro em si, nem pela ‘memória’, nem porque amo a Biblioteca Nacional, mas porque tenho medo de que minha casa pegue fogo e queime tudo o que escrevi em vida. E eles riem de mim, acham que eu estou brincando. Queria poder matá-los, pois juro que estou sentindo cheiro de queimado. Cheiro de enxofre na casa toda”.

-Chupti, chupt, chup, slupt, glupt...

“O bom foi que descobri logo cedo que esse negócio de fazer tipinho não funciona. Da

mesma forma que descobri, logo aos cinco anos de idade, que eu nunca seria um daqueles moleques mongóis que estrelavam comerciais infantis, como minha mãe queria. E que esse negócio de gastar a megalografia da minha bic quebrada na tentativa de colocar o pau na buceta alheia não dá certo”.

-Chupti, chupt, chup, slupt, glupt...

[Retrovisor].

“Odeio olhar no espelho quando estou fora de mim – Diapasão, diazepam, conhaque, maconha, colchão e tetas; tem nego que mal consegue falar na loucura! -. Odeio olhar no espelho quando ‘perco os olhos’ (de tanto ódio), como me disse uma Anja a quem amei sincera e ocultamente por dois anos, mas fiz um mal da porra a ela em dois dias... Mas firmeza. Minha parte conservadora pede para que eu saia daqui, urgente. Não sou nenhum angelicida”.

-Vamaê? – fiz a intervenção.

-Nããã!!! Por que??? Espera. Deix’eu terminar antes – the bitch sayd.

-Meu amor, você não vai terminar nunca!

-Lógico que vou, olha só (chupti, chupt, chup, slupt, glupt).

-Cê não me conhece (uhh). Se deixar (uhh) eu fico aqui até seu maxilar afinar em dois (uhh) centímetros.

-Nooossa... Maaas: você não vai gozar?

-Não meu amor.

-Por que?

-Não posso te dar esse prazer!

Tacada 3: O Nuclear Show: Consoma minhas tristezas e seja feliz por R\$ 1.99

Trezentos e cinquenta nós na coluna. Três dedos atolados em ninfeta maluquete. Duas doses de mil motivos para não querer mais seguir.

A vida pentatônica foi irrefutável com suas provas cabais, cheias de traumas e complexos de toda a sorte, quando disse, com voz aguda como agulha na retina, que eu não deveria ser assim tão legal. Para que escondesse essa merda de humanidade que me infla e transborda orelhas afora, caso eu quisesse ser sedado nos sentimentos, mas tudo o que consigo é ser expulso de retiros espirituais com o louvor de ser o único na festa a ter quarenta centavos de sensatez no bolso furado e não ser dominado pela histeria coletiva de idolatrar o vácuo-JPG.

E nisso guardo todas minhas agruras, quase dejavus eternos, no núcleo de uma célula aspirante a um câncer cheio de mágoas e vídeos de skate...

Liso. Mais que liso. Nem toda obra tem fim, mas a gente tenta por ser teimoso. Eu não quero emagrecer dormindo, nem sentir saudades de lembranças imaginárias, já que tudo que aprendi na vida me faz mal, como a abstinência que trinca minh’alma neste exato momento.

Liso. Muito mais que liso. Tem um buraco negro embaixo da cama engolindo minhas meias. Sei que muita gente não entende o que está entrando em seus olhos neste exato momento, mas há algo de tubarão neste peixinho idiota. E entre mais UMA e outras: entenda-me quem for capaz!...

Tacada 4: Pixote’s síndrome

Praça Luiza Marilac. A mesma que está em meu livro Dançando Valsa nos Salões do Inferno, que nunca será lido (publicado e afins), pois – pois ele é foda – segundo alguns amigos “É preciso influência e lamber sacos”, ou seja: FORA DE COGITAÇÃO, pois prefiro

viver na merda a “subir pelas costa dos outros”. Deixa isso pros “Boy-êmios” da Vila Madalena ou para todo o resto que escreve porque “acha bonito”. E pr’aquele otário dos três livros publicados, que nem faz ideia de que perdeu uma bela cadeirada nas costas só porque deus tem essa mania feia de proteger os ignorantes e os americanos. Graças a Deus, Bu(n)da ou a Mara Maravilha, todos livros que estão, hoje, em minha estante, são apenas de pessoas que gosto (e gosto de ler), conheço (meio de longe, mas conheço) e admiro pra caralho!!! Mas não vem ao caso. Mas então: a praça, né? Pode crer. Porra me perdi. Esquece.

Tacada 5: Mordendo a língua

Desrespeito seria olhar-te sem malícia. Sem me imaginar flanando em seu ventre de algodão. Agasalhado em sua lã de cor não lembrável. Ou punhetando o dedo em sua boca mística enquanto enrabo sua consciência de literata.

Don't let me fucking down, bitch. Há cinco gramas de enfermidade entre meu espírito (de lhe querer) e sua carne (esquentando a minha) que corrompem toda a explosão do atrito. E sem atrito, sem fogo. Só o frio das quatro e meia, seus cigarros cansativos e minhas velhas veleidades nada sóbrias.

Tacada 6: Calada trip

Ta. É lógico que não vão me chamar. Também: eu parado chamo mais atenção que uma nave espacial. Aí que ego vai me quer por perto? Mas foda-se. Noventa e oito por cento de minha tecnologia diária é autossustentável (ou seja: nada é inatingível e todos são dispensáveis, seja lá quem for). Só peço para que tenha muito cuidado por onde anda, pois todos os loucos de hoje são caretas ricos que não tomam banho ou escovam os dentes.

“A mina mora nos Jardins e sonha em ser uma puta gangueira. Será que só ela não percebeu que a Augusta é pop???”.

Tacada 7: A tormenta

Nosso romantismo grita dos becos á lua. Das sarjetas aos palcos. Do tormento ao feijão que há no vômito na calçada. Do sofrimento às folhas do caderno. Dos banheiros às luzes. De noites às noites seguintes. Das entranhas aos copos. Dos copos à Marte. De Urano à Saturno. Do nada ao tudo.

Quem realmente tem arte na alma carrega em si o peso da maldição de mil mares de efêmero e eterno. De um triste olhar ante à felicidade. De uma loucura exacerbada em plena área administrativa.

Muitos vão antes de nós. Um dia iremos atrás. Que fiquem aqui apenas os chatos, pois certas juventudes não devem ser ceifadas pela praga da velhice.

Descobri que deus inveja suas crias. E nós, como criadores, invejamos a eternidade dele. Talvez estejamos aqui apenas para “deixar”. E, no final, estamos aqui apenas para sermos lembrados mesmo.

Zero Intro

Um ósculo de latrocínio. De uma puta depravada. Deito sonhos em cigarros e anéis com câncer. Deixo florais em valas sem jarra.

Nem as putas nos compreendem a anestesia. Nem minha mãe me conhece. Só eu posso falar por mim nessa terra, já que deus não ouve minhas gritantes preces.

Um ósculo de amoníaco, sob o céu da mesma cidade. Se a vida é sofrer pra ter assunto pr’um blog... Que seja feita vossa vontade.

Serviço de Quarto (MaicknucleaR)

Em algumas noites: o chão não está mais lá! E sob o manto escuro, salpicado com lindas luzes azuis, distorcidas e mortas, há uma maré de aromas arábicos e voluptuosos, que são lançados no mar do clima (no) ambiente, como cardumes de feromônios noctifloros, revoltos e flutuantes...

...Renda-se aos desejos mais extremos, quando as flores tornarem-se borboletas entrevadas e os olhos vermelhos dos muros de áurea roxa, presenciarem histórias que jamais poderão contar...

[Quando olhares transmutam-se em espelhos no teto — ou em toalhas em saquinhos lacrados, ou em sabonetes inodoros de 5 g — e taças viram uma cascata de suor alcoólico que deságua sobre um corpo quente, macio e qualquer: Diga que tudo foi apenas uma fraqueza momentânea]

Em noites mornas, de ventos frios, da pele gelada e alma em brasa: tudo na paisagem é turvo, pois o mundo fugiu, levando nossa dignidade, embaixo do braço. Às vezes, nos enroscamos no asfalto. Tropeçamos em formigas. Vomitamos porra na boca da castidade que andava de salto e minissaia, pelo sereno de uma vida nada fácil...

...é, e mesmo chafurdando a pica num fast-food que escreve o número errado do telefone, num guardanapo de padaria que logo mais virará uma fraldinha de fumaça, mesmo assim: nem tudo é acessível como lojas de conveniência e mercados 24 hs.

[Quando não se tem Deus em notas de cinquenta dentro da carteira, nesta cidade – agora puta – que mistura Oscar Freire e Crackolandia, Daslu e Daspu(ta), Dolce & Gabana + “doce e bagana”: você não é nada]

Putas e divas caminham nesta atmosfera de postes com luzes aquosas e placas verdes que não levam à nada. E muitas vezes, um volante, te leva à uma trilha de úteros infeccionados e longas retas cheias de merda de pombo e bustos infláveis em praças da perdição oral....a noite é o clichê da minha vida, pois nem todos os Maick's são nucleares... Hoje as damas da noite foram presas por porte ilegal de arma enquanto exalavam um acre odor de smirnoff ice, maconha e líquidos amarelos e ácidos que correram de suas bucetas beijadas e ganharam o mundo. E no banheiro da justiça, o cinco contra um é o entrevero da frustração carnal. Dos porta-malas aos buffets sem graça: escrever em cadernetas fru-frus, sobre escadas de emergências de prédios desconhecidos, não é privilégio ou regalia!

[Hey, tem uma cidade dilatando-se sob as luzes do terceiro olho de um helicóptero, ao longe, na paisagem cinza (às vezes, verde) e mofada]

As paredes?! Ah! As paredes. Elas continuam indo e vindo... As legendas amarelas - tremulas, parecem estar em russo... Meu saco está suado...

—Merda! Não tem toalha nesta joça!

Naus e nada, as putas que nos desperdiçam (MaicknucleaR)

A flecha da mata plástica de cidades nada simpáticas que me poluem a vida com suas luzes lambidas distorcidas da visão que irrita a íris do arco-sem-íris ou flechas de um amor que ceife minha vida sem gotas de salvação enlatada em amantes que nos deixam por uma guitarra enferrujada de um alguém que logo irá sem ao menos ter deixado nada nessa equação maniqueista de uma matemática onde se adiciona a subvida do majestoso e viril talento não visto e mal olhado mal amado mal acabado será bom ou mal grado (?) este engradado de veias sem rumo e artérias que rumam à desgraça de um dia lindo feliz cheio de tédio nas árvores esgotadas pela ação da eternidade e do esperma nada douto da falta de posteridade aos que posterizam essa reprise enigmáticamente-vida no auto quem sabe auge de meus vinte e cinco anos no topo da linha de costura que não segura minhas pernas bambas e bagos não lambidos por fios liso e as vinte páginas que faltam nesses vinte e cinco anos de folha em branco sujo homeopaticamente lúdico deturpado esquecido e trocado pela idolatração paternal sem pai da buceta mais doce de toda a cidade que fedia a asco e cheirava a ácido e não me lambeu as largas vestes e as bolinhas de cobertor do meu Eu sub-mais-que-urbano lavado em Dove e novas doses sem pombas, ora pombas, o que se esperar dos fracos quando se é um leão sem reino na selva dos vermes-interesses e vícios pré-pagos e musas de meia hora na calçada da infâmia onde todos querem ser Londres Livros Chicago ou qualquer uma dessas merdas que nos fode a soberania fálica e racha o muro das rachas que não foram lambidas por um deus azul e desbotado que envergonha-se de querer ser humano e vender maçãs nos faróis da metrópole-céu-cinza de um opaco aéreo onde pervago sem vagar e digo: nada de centralizar a condição de querer ter uma “condição humana” pois vim pregar erráticamente que a onda agora é deturpar a arte corromper o ânus da situação fatigante e retalhar o ônus de quem atua o “não-liguismo” e mandar a simpatia forçada de quem só pensa no próprio rabo ir comer tofu na Tailândia que ganham mais

Mais nada além dessa misericórdia forçada e vizinhanças boas na arte da dialética política do diz-que-me-disse e todas suas groupies (que se dizem algo) de olhos mentolados que só vem a vós por culpa de vosso reino e do papel-contact estralando falsidade na agenda porca desta situação vazia e ululante de soçobrar na Latrina que lhe acolhe as verdades mais veridicamente enganosas neste stadium onde o leão será morto para que o povo cult ganhe seu pão de fezes e lamba o saco peludo dos incautos sem higiene por não saberem enxergarem o espelho diante a retina e suas adjacências avermelhadas mas foda-se, pois só na carne há salvação então vem cá, meu bem, e chupe-me longamente por três horas seguidas querida Clementina pois o amor que tu me destes joguei fora junto com a porra-filho em boca de quem não merece 20 nem 15 muito menos 10 minutos deste jagunço desalmado que voltou ao agreste pra “fazer a limpa” na cidade matando a todos com um taco de golfe e foder as primogênicas de lado em um banco estofado/emprestado atrás de cortinas-muro nesta vida às margens da marginal Tietê e todo seu perfume paulistano de cocô defumado ao molho pardo de joguinhos sexuais onde quem sempre perde o jogo é o brilho paupérrimo de um ser que veio a tona-tônica da vida para chafurdar em mundanices hereditárias e salvar-se através d’um útero que pinta o sete e toca o puteiro desta merda de arte! o mártir do nada agora grita da alcova e ganha o mundo se putrefazendo. um condescendente baseado e uma bela benevolente chupada de rosto lindo e rabo grande é o que há lá fora e aqui dentro só fantasmas mudos e um que fala: “Vem da virilha à púbis, lindona-que-mais-à-noite-será-de-outrem; olhos como o seu não se vendem em qualquer

esquina, a minha alma se mantém ereta até o momento em que espírito da sua misericórdia carnal lhe desfalecer a vagina por completo aço”. pare de sujar o chão com sangue, meu amor, a morte é um rolê de metrô e a única coisa que me faz tremelicar feito vara verde é do distante mar lá embaixo, “Pare de se cortar, você anda me confundindo com a primeira pessoa!”, tudo não passa de um post sórdido e suas unhas sem sal vermelho já não podem rasgar minhas costas quentes. se você fosse o que disseste, não sumiria tão fácil como as primas do açougue correndo cheia de desculpas rumo ao lar do seu medinho e amiguinhos boiolas de roquizzinho infantil. deixo-te aqui, oh Frígida-como-só-sabe-ser-comigo, e vou à velha caça, findar a vida alheia por mera fome, pois há em minha ansiedade uma maldita miríade de sede por sangue quente velho’u-novo jorrando do pulso de quem se mata por um impulso demente. um brinde ao nada, oh cordeirinha desbotada. dois tiros ao alto e sem narinas à mostra. devolva meu dinheiro. Voltarei à casa-lupanares do mim mesmo, pois lar mesmo é uma buceta que não se fecha diante oportunidade e abrem-se alargadamente no outono forjado de parede de céu nublado. Fodeis e viveis até que a morte nos foda a vida.

A Decadência do Céu e a Beleza do Inferno (MaicknucleaR)

Sonhos destorcidos e inletráveis...

Fui acordado por um súbito quase-vômito que no reflexo defensivo do corpo, fez com que eu levantasse o tronco mais rápido que uma armadilha de ratoeira. O que subiu não saiu e voltou para o estômago, deixando em minha boca, apenas um sabor de cordinha de descarga de puteiro paraguaio. O sabor de bÍlis, cerveja, churrasco e gasolina... Minha cabeça pulsava mais que o coração de um bebe que acaba de ver a luz. Queimação no estômago. Sinto a ressaca de mil mares...

Olhei ao redor e não reconheci aquela casa: “Que porra de lugar é esse?”. Garrafas de cerveja dentro o aquário, bitucas de cigarro afogadas em copos. Gente dormindo no chão. Manos, Emos e Clubbers: “Como eu vim parar nessa porra de lugar?”. Não reconheci nenhum daqueles corpos que jaziam em suas loucuras...

Sede, muita sede... Havia uma garrafa de cerveja pela metade na mesinha de centro: “Hum, trouxa é quem se arrisca a beber!”. Qualquer cara mais ligeiro sabe que ali dentro pode conter vômito, cuspe, porra ou até mijo. Quem tem a nobreza das ruas sabe como funciona...

Decidi levantar e procurar um banheiro. Fui em direção do corredor, pois sempre tem banheiros em corredores. Abri a porta e vi um cara boqueteando um outro e disse: “Desculpa porta errada!”. Pensei: “Deus, que porra de lugar é esse? Isso é pior que sete palmas abaixo do fundo do poço!”. Voltei desviando dos obstáculos humanos em busca da cozinha e logo achei...

Procurei um copo e não havia nenhum limpo. Lavei um com detergente e enfim: água! Pela fresta da janela da cozinha, avistei quatro conhecidos deitados no quintal dos fundos: “Agora sei como cheguei aqui!”. O Gordinho e o Lascado estavam deitados em cima de uma velha mesa de bilhar, um abraçado com o outro: “Ah, se eu tivesse uma câmara digital agora; eu ia zuar eles pelo resto da vida”. Mais água... Meu nariz começou a escorrer de repente e vi uma gota de sangue explodindo em cima da pia: “Que merda que será que eu fiz essa noite?”. Um cara entrou na cozinha e disse: -Opa!-E aí?! – eu respondi com meu peculiar mau humor ressaca-matinal. Ele abriu a geladeira, pegou um Danone e disse:

-Quer?

-Não!

-Curtiu a festa?

-A parte que eu lembro eu curti!

-E qual parte você lembra?

-Nenhuma!

-Há, há, há, você é foda; quer uma cerveja?

-Maaano, na verdade eu quero saber onde estou. Como eu vim parar aqui e quem é o dono dessa porra? Mas mesmo com tantas duvidas vou aceitar a cerveja

!-Ih Nuclear, ta viajando mano? A casa é minha véio. Pode ficar de boa aí por que você é sangue bom! Aí, vou te dar uma geladinha que escondo só pros VIP. Pode se servir a “vontis” aí, por que vou voltar lá pra cima e comer o cú da Dayane de novo... Fui!

-Firmão!

Pensei: “Quem é a porra desse cara? Como ele sabe a merda do meu apelido? Quem é essa vadia dessa Dayane e por que ele esconde cerveja com tantas garrafas de bebidas caras espalhadas pelo chão?”. O relógio na parede me dizia que faltavam alguns para as nove da

manhã. A claridade incomodava meus olhos como se eu fosse um vampiro desamaldiçoado vendo a luz pela primeira vez após centenas de anos na escuridão... Abri a cerva e decidi sentar-me a mesa. Senti que chutei algo. Levantei a toalha de mesa e abaixei a cabeça para ver o que era e... Era! Era um lindo exemplar de fêmea dormindo embaixo da mesa. Fui para baixo da mesa e fiquei contemplando-a enquanto entornava a cevada ártica. Cabelos negros curtos e lisos, narizinho altivo meio fino, lábios finos e lascivos, uma blusinha escrito Rockstar sustentava um par de seios quase fartos, barriguinha de porcelana a mostra com um piercing reluzente, uma saia curta e preta combinando com as unhas, coxas dignas de serem lembradas numa punhetinha noturna logo mais a noite, tatuagem de rosa abaixo da orelha e um transversal na orelha... Ela tinha um forte cheiro de menina banhada em champanhe. Sua densa maquiagem havia escorrido como se fossem radioativas toxinas expulsas de seu corpo através de seus poros. Em seu rosto angelical eu vi a decadência do céu e a beleza do inferno. Decidi pegar outra cerveja VIP. Voltei para baixo da mesa para contempla – lá. Retirei minha blusa e a cobri...Entornava e olhava... Perdi-me em meus pensamentos melancólicos e parei de olhá-la, pois ela era o tipo exato de mulher que jamais olharia na minha cara. O tipo exato de mulher que quando passa ao meu lado, vira seu soberbo rosto para o outro lado. O tipo exato que representa tudo o que eu quero e tudo que me despreza e num átimo, toda sua beleza se esvaiu debaixo de meu manto de ódio de antigas decepções.

Alabama Nunca Mais (MaicknucleaR)

Foste um sonho morto que ousei sonhar sob o torpor de um coma insalubre. E danças repugnantes de semininhas, na relva asfáltica de longos, de lisos fios, de pensamentos em combustão espontânea, de um folguedo sujo e cego, de um fogo apagado com a gélida e asquerosa baba da interrogação galopante. Que galopa sobre os vales decimais de causos, casos e (meus) ocasos. Levando consigo a bestialidade numerológica de minha flamejância criativa. Indo de encontro ao vácuo que tanto lhe oferecia segurança, mas que pouco cagas pra você. Deixando-me sentir o pior dos sentimentos humanos: A Dó em Lá maior. Que péssimo sonho!

Já não deixo que invadam minha privacidade informe e informal com dúvidas infantis, tão esqueléticas quão magnificamente um polo de possibilidades lúbricas. E subo, sem braços, o pedestal da coqueluche psíquica, pondo-me alto, alto como só os **ex**-pisados (?????) por Jesus sabem ser.... E caio... Feito um suicida que jamais quis mesmo morrer... Deus, ontem, enviou-me um e-mail em que dizia: “Oh, demônio-paradoxo-úrico, metropolitano rei do engendro. Vá. Pegue seu ódio destilado, leve a tira colo, e devasse sua vingança sobre estes animais falantes, a torto e a direito”.

A pantomima da resposta muda!... Se não ouves é porque escrevo. E se escrevo é pra fugir das gírias que tanto assolam minha língua-diária e aniquilar palavras como “Realidade” e toda essa “Periferia” à qual os “incultos-(in)cultos” querem me instalar a força... Pois sou além do extraordinário enquanto Guerra. Sou **Un**iverso perto de estrelas do passado que irradiam fortemente sua própria morte: “Não, meu criador que me deste o dom maldito da criação – que é algo como uma bela foda – sem rótulos. A vingança que se foda, pois aprendi, com louvores e samples de ermitão, que vim ao mundo pra fazer inverno e atirar toda essa bateria antiaérea que há em minha Bic, contra essas malditas andorinhas de merda que recendem a cannabis-sem-sativa... – é! é certo que a Lolita que me deste, não chupa lá tão bem, mas dá o rabo que é uma beleza! -. O senhor sabe que desde a infância abomino horripilantemente os sectários, seguidores, idólatras e histéricos e coletivos de qualquer espécie. E não necessito de pose para me firmar ao chão, pois não deslumbro nada e só vislumbro frigideiras e omeletes, peitinhos e pretchékas. Sou nato... (é. mas também sou uma besta quadrada que não sabe de nada – tá aí uma ambiguidade que só um bom libriano consegue ter). Não preciso gastar meu tempÓcio com “Evidência”. Fico aqui com minha falsa e forçosa – pero real – prepotência, pois todo dia ao olhar pra baixo vejo o tamanho da treta que carrego junto as bolas. Todo dia eu crio um mundo novo e eles (os *inimigos invisíveis, putas incolor*), não entendem nada, pois estão cegos, gozando muito mal com o pau de defuntos seculares e inspirações By: outrem, by TV. Preocupados demais em descobrir o alfabeto morse que deve ser ceifado para banir o atalho que levaria sedentos olhos desconhecidos até a nesga do Eu-(foda-se-o)-lírico, que disponibilizo”.

Reparei que toda vez que falo ao alto, dois ou três patos caem mortos do céu. É estranho, pois vim aqui pra matar andorinhas. Mas caem os pintassilgos. Mas vim aqui pra destroçar o ninho dessas andorinhas que são alvas demais para compreender o que digo. E caem garças do céu desastrado. E insisto que vou derrubar, lá de cima, o ninho das andorinhas, **somente das andorinhas**. E os falcões que deveriam me ajudar sentem-se extremamente ameaçados.

Talvez eu deva deixar claro – subtrair (?) – aos seres do majestoso espaço aéreo, que eu não voo, não quero voar, tenho medo de altura e alergia a penas. Que sempre há um sul para se

migrar. E que avião existe, porra. Elevador, sei lá. Ônibus espacial por módicas quantias. Já não vou mais sujar esta agenda com minha lepra moral conservadora. Macularam minhas virginais folhinhas com desgraçadas letras legíveis, arredondadas e com pingos nos Is. E tem esse perfume horripilante que me lateja a dianteira do crânio e ataca a sinusite, que se impregnou onde outrora só resquício de alcoonha e bucetas suadas se instalavam... Agora é só essa Lolita, que mal faria inveja à um Nabocov da vida, mas deixa qualquer nativo desta joça, ouriçado, devido a seus *hemisférios glúteos*.

A clareza de seu castanho no sabonete-conjunto me faz lembrar que todo aquele começo não passou de um péssimo sonho em pele de cordeiro. De uma perda assassina de subconsciente, durante a semi-morte em um palco fantasma. E, depois, acordei com a boca seca, os olhos ressequidos como se chorasse toda a areia do deserto, a testa com suor melado e exausto, o pau latejando, chorando resto porra.

Até hoje não compreendo as sublimaridades daquele sonho torpe e sensual. Daquela sórdida aproximação de uma verdade que se demonstrou a própria falsidade ao fugir de meu cinema ocular.

...Agora resta o escuro, o vento frio entrando por esta janela azul que jamais fecho, esse lirismo putrefato pós-pastrame e a incumbência insolúvel e nada delicada de mandar Lolita ir passear com sua bicicleta motorizada no parque, antes que alguém chegue e nos apanhe totalmente nus.

Vermelho Cor de Mel (MaicknucleaR)

Doce não lar

Reparei que nestes cálidos dias a água ferve mais rápido. Corri para fechar a janela, mas já não havia nada a fazer. Quando lembrei as roupas estavam mesmo molhadas. E o varal: sequinho.

Córdax

Perdidamente desvanecendo-se em luxúria etal. Suando estilo em bicas. Navegando Impalas no cigarro dos astros. Uma verdadeira cachoeira de toxinas despudoradas. Uma Foz de noitadas que pingam, precipitando-se, rumo ao abismo do corpo que lhe afaga os pecados, acolhe os fetiches e lhe engole o sumo do fel de amargo e vida. Não há metafísica nos elevadores. Há apenas uma película de clichê em meus olhos quando estremo por desconhecidos corredores carpetados rumo à odes mundanas. E coletâneas, mentais, cinematográficas. Entre o feixe azul e o vermelho do luminoso que rutila lá fora e estaciona alternadamente numa das quatro paredes, encontro uma enxurrada de verbos. Um bilhão de motivos para não dizermos um A. Mais um gole desse pró seco e uma pose de gárgula, nu, diante do ecossistema de concreto e antenas que furam o rabo do céu, almejam a lua anil, cagam para a humanidade que transmitem. ...O anjo caricato lixa as paredes, tropeça, cai de cara na lama, levanta, abre as asas: “A cidade é minha” e abraça a solidão. Tudo fica escuro.

Tresnoitância

Mesmo precavidamente deixando meu coração em casa, não estou livre de ferir-me em um platonismo de meia hora qualquer, ou em meras veleidades da cabeça debaixo. Dilacero a flor da minha pele com cacos de autoflagelo para lhe mostrar o tutano passional, o maldito paradoxo que compõem meu universo de dez metros disformes. Minhas tolas megalografias. Minhas inutilidades mais charmosas, como um blues sem solo. Deleito meus olhos em seu corpo, num pequeno hiato de distração sua. Mil músicas. Uma miragem. Sua miragem! Um holograma apetecente e essa dolorosa tendência de meu ombro a se deslocar. De sonhos a decepcionar. De nada acontecer quando realmente deve. Pérolas? Não, meu amigo. Aqui só mexemos com diamantes! Permita-se a tudo que Deus não permite! Grite a hipocrisia de nossa forjada sinceridade às santas autoridades. Defenda teses imbecis que só dizem respeito a si mesmo. Ligue-me às 11:34 P.M. de uma terça-feira e diga aos berros (e sem medo do Pasquale): “Aí, irmão, cê qué chafurdá no lúdico?”, pois é assim que funciona a luz embaixo deste fosco spotlight. Pisando o Push que há talhado na taboa. Surfando em tubos de néon e mares de psicotropia. Pintando setes na tela noturna de casas que nos compreendem a carne. O mote de nossas vidas: Drinques coloridos, luzes extravagantes, divas fosforescentes e ardência no canal da uretra após três ininterruptas horas castigando a danada. A noite não é minha, mas minha vida é meu show. Protagonizo o nada. Coadjuvo tudo.

Teletransporte

Lavar a alma na enfudecida água da hidro. Coquetel e cópula. “Porra, tem preços no frigobar”...

-Eu sei tudo sobre você, sabia?!

-Não, não sabia – tento não parecer sarcástico (to de saco cheio dos “sarcásticos”).
-É! Eu sei tudinho sobre você – ela inclina a cabeça um pouco para a direita, passa o pé macio sobre meu peito desnudo e submerso, abre um sorriso típico de quem acha ter uma boa carta em mãos -. Você ta duvidando? Pode perguntar. Vai, pergunta. Pergunta o que quiser que respondo – traga o cigarro com calma, faz pose de francesa esnobe -. Eu sei tudinho sobre você, seu “Escritor”... Tudo!
Os bicos de seus seios emergiram sobre as borbulhas... Nestes momentos tenho a falsa e paliativa impressão de ter ME “encontrado”.
-(...) O Problema é exatamente esse...
-Qual...?
-As pessoas andam sabendo mais de mim do que eu mesmo!

Retrovisando

O que o espelho reflete não é nada bom. Há um homem alto, moreno, olhos magenta-devil, entre vinte e três e vinte e cinco anos, carregando sentimentos numa valisa individualista de mesquinhez. Ele manda o mundo às favas e atea fogo na própria áurea. Não em oblação aos deuses, nem nada. Mas por “anestesia”... Deus dever ser muito míope para não enxergar esse incomensurável S.O.S flamejante – ou ele só não liga pra nós mesmo. No backstage dos textos. Onde a vida pode sim acabar. E as pessoas têm gripe. Cometo meus pequenos e errôneos atos de meditação a tapa, a base da violência. Encontrando a desventurada redenção nos excessos da lava-louças e tranquilidade nos pisos da perversão. Talvez eu seja doido demais até para mim mesmo.

Pornografia de nossas chanchadas

A vida anda boa demais. Pensei em descer no velho poço para visitar minha afônica caixa de música, dar umas dedadas naquela bailarinhinha safada e colocar o pau onde não foi chamado. Quando viver torna-se pecado, o niilismo (ou uma bela 45) é o caminho para a salvação.

Escrevendo no corpo dela

Atravessamos toda a Paulista rumo ao além. Ela aperta minha mão em forma de protesto ao excesso de “modernismo” que há na calçada mais importante dessa joça de país. Abraça-se à meu braço. Sorri para poluída atmosfera. Seus olhos são faróis verdes. E, no além, os vultos viciados anunciam assalto (logo pra cima de muir?!). Mas o californimano aqui conhece a dialética do crime. E o que seria um assalto virou um “respeito por um desconhecido ‘sangue no olho’ que foi confundido com um boy”. Ela pira. Diz: “Meu Herói” e eu penso: “Você ainda não viu nada... baby”. Ela diz que sente-se segura ao meu lado. E eu só me sinto seguro quando estou só! Abrimos as pontas de nossas vidas sobre a mesa de jogos. Andamos feito cães desgovernados sem rumo. Tragamos grande parte da noite andando até nos depararmos com um velho casarão abandonado. “Tem coragem de entrar ali:?” , perguntei. Perguntei e entendi seu silêncio pensativo como um sim. Mão na mão: o arrasto.

-Não era pra gente tá fazendo isso!

-Então por que estamos fazendo – perguntei ousado, dei um tapa forte em seu rabo pra mostrar quem manda e me perdi novamente. A lua é a merda de um clichê eterno. Não há como fugir de clichês eternos.

Entre astros e latas

A inumanidade de meus solúveis desejos pervaga solitária em meu sangue corroído. Esfriando apenas o peito deste corpo que usa o indiscreto do céu como teto para melifluir noite afora. Não sei. Às vezes acho que há muitas pessoas sofrendo de vazio pré-fabricado. Como se tarja preta fosse status para esses milhões de “cópias alternativas”. O mundo realmente está perdido. Há caretas dizendo ser louco e redes servindo de “carapuça em massa”. Há inúteis correndo atrás do sonho alheio. Há Xerox nas filas de cinema. Há prostitutas no hall de entrada, e, novamente: não há toalhas nessa joça!

Pornophonographic (MaicknucleaR)

Talvez carburar todo este encosto lírico em seda que passarinho não veste. E navegar no insólito idílio dos grunhidos sensuais, arabescos embriagados e quimeras a longo prazo. Enfim, ser a nau que navega por todos esses atos de uma eternidade que não passa de rélis estampidos noturnos, pegajosos como seus fluidos encardidos e jubilosos.

Desequilíbrio. Desequilibrado. Metódico como quem lava louça por terapia. Labareda de coluna atada que baba ao olhar o pecado que só se deseja, respeitosamente, de pau duro. Louco. Sedento. Perdedor de sapiência. Como sempre: Sandice! Momento. Olhares de um conluio prostituto. Ato. Comportamentos padrões, atávicos. Atitude. Ação. Tiro e boom: Que a presa tombe em meus lençóis sem questões desnecessárias, pois destrinchar-lhe-ei a florzinha rosada com muita paulada macia... Como ousa rondar minha paciência, com toda sua pele insensata, cheia desse creme pedante, nessa cútis que implora por tapa até pedir arrego, querendo que o paraíso não queime?!

Desequilibrada. Fumante. Saindo do trampo. Equilibrando-se lustrosamente na ponta de uma agulha. “Quer um gole?”. Há. O que eu quero você jamais poderá me oferecer, mas tenho ótimos planos para o hoje, para o depois, para o sempre e todas suas implicações post-mortem, mas te omitirei este fato!.

E sigo os trâmites, bem legais, que conduzem à um nirvana utópico, à uma brecha no espaço-tempo-criativo que só pode ser atingida ao vislumbrar, de soslaio, estes pezinhos que carregam toda essa galhardia rebolante, toda essa gostosura típica dos trópicos. Galhardia essa que só tiveram *As Vadias De James Brown* – em seus áureos tempos -, em cima de sandálias lascivas, como boas vagabundas.

Esse misto de pezinhos, pernocas, e essas coxas que, pelo amor de Deus ou outro ícone no desktop, não podem ser apenas vistas ou observadas, como se observam pássaros. Devem ser almeçadas com a idolatria depravada de um Casa Nova que sofre de uma seca desértica na fonte de sua volúpia constante.

Olhar-te é algo paralelo à devassidão revolta e turbilhonante das ondas safadas chocando-se com tesão impuro nas bordas da encosta. Deleite para os olhos ver como mantém esta área de uma divindade só pertencente as mulheronas que chupam bolas, segurando a pica e olhando para cima, de quando em quando, empunhando o que agora é seu (cachorra), e observa, de baixo para cima, o sujeito saindo do ser. Domas o mito de las calles através de longilíneas gulosas textículares e todos seus rascunhos de gemidos torpes. Seus meandros de quem domina a situação arrebitando o cuzinho, de quatro, recebendo dedadas escandalosas na reta rumo à um paraíso onde só os mais luxuriosos desejam e conseguem estar.

Outrora. Maluca. Fumante. Deitada de braços no cimento gelado, sem se preocupar com roupa suja, entre dois carros. Em frente à um prédio cinza e um planeta andarilho. *Toda de bundinha de fora*. Farol vermelho. Quem vem atrás não breca! ”Adoro dar meu cuzinho enquanto fumo um cigarro”, e eu “Adoro comer seu rabo enquanto você fuma toda pretensiosa”.

Lúbrico. Sincero. Acordos, acordes e mentiras. Vontades. Sabedoria: “Desejo nós num passa, pois tem dia que de noite é foda”. Foda de la mejor calidad... Baby, pois esse negócio de fazer sexo é para os personagens da Disney, meu amor. Não se preocupe. Dá um beijinho nele – dá uma machadada no crânio moralidade -. Ta todo mundo olhando pra frente, viajando em suas contas à pagar e o trânsito flui rápido. Ninguém desce nesse ponto,

eu to ligado, ninguém vai perceber. Vem cá. Aqui assim ó. Iiisso!

Toda aquisição de uma soma enigmática de loucura cênica e sensualidade desmedida, só leva ao extremo da insânia humana. Não há limites para desesperados... Só lamento – pero no mucho – o fato de histórias como essa terem esse mal costume de irem sem deixar nenhum resquício de futuros revival (outras simplesmente revive, do nada e voltar “a ir” da mesma), apenas memorias de delícias que ficarão na mão e risinhos de flashback no supermercado. Então vivamos la carne enquanto não: pó. E todo seu romantismo cinematograficamente trágico. Todas confissões que só a nudez pode revelar ao íntimo alheio.

O esquecimento não é tão doce quanto o sanduíche de caralho que fazes utilizando seus seios hermosos, deliciando-se com a ponta do bastão que lhe percorre, desgovernadamente, a boca; solfejando gemidinhos enquanto se masturba, circular, esperando que ordene: “Fica de quatro, vagabunda”... Não é tão doce como fazer seus lindos cabelos, lisos e enegrecidos, de rédeas. “Então, vagabunda, gosta de ser minha cavalinha, hã? Cavalga, puta, cavalga” e dá-lhe esporas na rába.

Do boquete sem-vergonha na Dr. Arnaldo à foda na Castelo Branco (interrompida por agentes da *Concessionária* vigente), nada carimbou mais as recordações que o som de sua jaqueta rock’n roll. Aquele zíper sibilando, você de cara na parede de um beco mal-encarado, um frio de rachar os lábios, e nós, com partes desnudas e afônicas, embaixo de um poste com uma lâmpada de vontades próprias. Alçando-lhe por trás, mas socando na frente, respirando seus cabelos e lambendo sua nuca. Fazendo-te de cadela na calçada – tinha uma pedrinha embaixo do meu joelho, mas foda-se -. Nem um só ruído na madrugada serenante. Apenas o som de partes de roupa em confronto e o som constante do zíper da jaqueta em um tique-taque uniforme e constante, mais forte e mais rápido, mais plácido e sensitivo – que doideira -... Nossa madrugada. Aquela no beco. Uma dentre as quais vivi. Nada melhor que o escuro da sala e o som da gulosa sinfônica, a filarmônica de Balzac afogando-se em saliva. Ou a luz do quarto acessa e seus palavrões de chofre, virando mamãe ou de lado ou em um nó todo torto. Seu cheiro impregnado em minha pele, sua buceta acompanhando meu hálito alucinógeno e o fio de cabelo que encontrei perdido em minhas bolas, no dia seguinte após a última “reunião”. Ou o som molhadiço do meu pau brincando de entrar e sair, com a cabeça, em seu belo rabinho.

E este é o ponto onde toda faculdade mental torna-se degenerescência, onde tamanha luxúria faz a mente atrofiar de uma forma lúdica, onde você, minha linda e temporária posse, começa a chorar desaguantemente, e diz, repetitivamente, com voz de criança: “Cê tá me zudiando, cê tá me zudiaaaaando”... Este momento foi a morada do oráculo!, o ponto exato onde vi estrelas e segredos do universo. Administrando. Maestro de señorita, entorpecida – vermelha – por uma enxurrada que precipitava de frente... Maluca. Fumante. Toda cheia de unhas vermelho cadillac e suco de maçã com vodca. Terminava deixando minhas costas em carne viva, rasgando com a navalha de uma fonografia pornô, sinestésica chanchada, dando trabalho para a camareira e punheta para os outros quartos... E corre para devolver o carro do seu verdadeiro amor, enquanto carrega, dentro do estômago, os filhinhos que roubaste com ardor. “A filosofia oriental diz que é um desrespeito cuspir”, “Da hora”... Lembranças inaudíveis do ontem. Trilha sonora de um daqui-a-pouco-Soul. A produção de lembranças sonoras com alta qualidade, som de CD.

Onde Terminam as Preces (MaicknucleaR)

Versículo 12

Eis que me vejo pisando em terras sem lei. Na fronteira exata entre o céu e a insanidade. Caminhando por escombros que exalam um forte odor de fezes humanas. Debaixo do céu da parte arruinada e obscura desta poderosa megalópole.

Eis meu reencontro com lugares onde as perversões mais hediondas habitam. Onde a violência é a única linguagem: a linguagem das ruas.

Este é meu perigoso vagar por ruas onde o Jazz não existe, mendigos descansam em paz e prostitutas psicóticas de topless te ameaçam com navalhas enferrujadas.

[meu pensamento diz]

Ê, cara, onde você foi parar? Reza pra ter asfalto suficiente pra te levar até aquele retângulo de luz, no final desse túnel interdito pela C.E.T..

Versículo 13

Tentando não cair no fundo daquele poço urbano, continuei andando sentido "qualquer lugar de São Paulo", sob as trevas de um túnel escavado por minhocas de aço.

Avistei adiante dois travecos em formato de vultos sombrios que faziam o túnel de motel e o asfalto de cama. Um deles perguntou se eu queria entrar no "trenzinho", mas apenas respondi com mofa: "meu vagão é de ouro e não o coloco em qualquer merda de trilho arrombado".

Fiquei aliviado por saber que os vultos eram apenas duas garotas-vírgula, troca-troqueando no asfalto frio, e não demônios que anunciariam minha hora e me levariam para o inferno (como eu pensava) – a família brasileira que passa de carro, por ali, durante o dia, nem deve imaginar, que, durante as madrugadas, aquele solo torna-se palco de orgias depravadas.

Tudo o que sei é que as madrugadas quentes na terra da garoa ouriçam o que há de mais fétido nas almas decompostas, que perambulam sobre as calçadas da capital (isto é fato).

Mas nem ligo. Pois a noite é minha, a festa é nossa, a cidade é de todos e nada neste esgoto a céu aberto me incomoda. Nada.

Paulistânia

Capítulo 2 Versículo 1

Durante aquela madrugada, no canteiro central do chamado "minhocão", a fumaça nos elevava e ia de encontro ao concreto dos prédios sem alma e depois se perdia na densa atmosfera.

01:23 da matina de um sábado quente que encerrava o último dia do horário brasileiro de verão. Mochilas no chão. Suor na testa. Fogo na bomba e milhares de janelinhas que viam a cidade ser nossa enquanto nos "elevávamos".

Ali, da baixa mureta, pode-se ver a luxúria equilibrando-se em saltos agulha e expondo sua carne apetitosa nas vitrines prostituídas da calçada da infâmia. – Preços a negociar (pois nas ruas da indústria informal do prazer, deus é sim uma nota de cem).

Deus abençoe estas pobres almas pecaminosas que sobrevivem num lugar onde as preces não são ouvidas simplesmente porque elas nunca começam. Elas já nascem mortas.

As preces foram abortadas com pedaços de cabides intrauterinos e o feto daquela noite que um dia seria uma criança, transborda lentamente em alguma privada de motel.

E Não Me Venha Com Leite Desnatado (MaicknucleaR)

E por que não choras as uvas? Já que celebramos a vida com o único intuito de vociferar ao interfone – localizado na boca do palhaço robô que espuma pelos cantos da boca – que atende a todos seus desejos (a partir de R\$ 4,59): “Não, não atento ao fato de deus ter escarrado, veementemente, em meu rosto, algumas esquinas atrás, pois sou um mero louco/conservador que joga pôquer com o demônio nos cassinos da semi-incredulidade”... É... E sente-se agradavelmente bem em companhia de um néon queimado. Uma escada rumo à narcisística redenção sexual... Rumo à bossas nada novas – “aposte suas calcinhas nisso, baby”. ...há bolhas fictícias nestes pés despudorados! Bolhas recheadas com licor de glamour tosco, de andanças (des)esperançosas e a latência da caixa de batatas fritas – para viagem – e o copo descartável, recém jogados no lixo. Junto das toneladas de pecados – e as bitucas de Marlboro – que foram inutilmente lavados com a futilidade de um sabão inodoro – presente de um motel na marginal – e cognições de merda, pois afinal: “Nós temos mais estilo num fio de cabelo do que Versace tinha no rabo. Mais conteúdo em três disparatadas linhas do que metade dos mortos vivos deste imundo município”. Lembra?... então... Sim. Talvez eu deva subir no telhado e ganir, impunemente, à lua. Como lamentando ter descoberto que essa ideia tola de querer achar alma no inanimado (e compreensão em incivilidade alheia) é a pura seiva torpe de uma imaginação sem uma só gota de coerência na taça trincada. Sem o menor resquício de hipócrita moralidade. Sempre forjando a falta de sequelas racionais de nossa velha contemporaneidade... ...A chave do carro espera sobre a mesa. Ela joga suas pequenas cartas de tarô em branco e o espelho que há no teto revela que o destino não comanda porra nenhuma no quarto 206. Pelo menos não enquanto eu estiver jogando os dados na mesa de uma noite de sentimentos prostituídos e Julietas rancorosas. Noites por onde perambulamos, sem gelo, com a solenidade de quem joga roleta russa com uma quarenta e cinco, enquanto assiste Papa Léguas... E quando os suores da animalidade cessam eis o momento de levar meu fudismo de meia tigela embora. “Vou. Ela fica. Eu vou, eternizando (?) reminiscências de sua presença aquecendo o champanhe que corria na carne. Ela fica com as chaves que estão sobre a mesa, o cigarro na boca na boca vermelha enquanto ajeita os saltos e a dura incumbência de voltar para a vida real”.

Os Monólogos do Segundo Eu (MaicknucleaR)

Um difícil prefácio

Minha vida é isso. Uma constante busca atrás de gargantas profundas, onde eu possa afogar minhas mais amargas lágrimas, às vezes alvejando fel em rostos de faces indecentes e línguas desnudas, com labaredas em formato de baba. A vida é isso. A humanidade se resume em duas palavras: dinheiro e sexo. Enquanto estou inútil e desnecessariamente tentando provar (e mostrar) ao mundo o que penso, sinto e o que realmente sou, a vida continua zunindo futilmente lá fora. É! A vida continua zunindo futilmente lá fora enquanto eu continuo fazendo tudo errado. Sim, fazendo tudo errado. Talvez esse seja meu charme: fazer tudo errado. ...Continuo me sentindo atado. Continuo caminhando trôpego no meio dessa vida de amores pesque pague, como se houvesse uma âncora acorrentada ao meu tornozelo. Pisando em terrenos de relações fast-food e chafurdando em sentimentos frios e gordurosos que, em longo prazo, farão mal ao meu coração. [É foda ser o cara. É foda ter que ser o cara. É foda ser obrigado a sempre ser o cara. É foda não ser o cara e todos pensarem que você é. O mais foda é você ser o cara e você mesmo pensar que não é nada (assim como faço)... HÃ! É foda ser foda. A vida é foda. Tudo é foda. Ah, foda-se!]

Introdução (com carinho e gentileza). Chega um ponto na vida de um homem sem rumos onde não há mais para onde ir. Um ponto microscópico entre a fumaça e o cinzeiro, o dinheiro e o revólver, um motel e a morte. Um ponto entre um drinque com uma cachorra prenha e uma apostila do Instituto Universal Brasileiro. Um minúsculo ponto na linha imaginária da vida onde se cansa de viver embaixo e passa-se a querer viver em cima. Um ponto onde viver na porta de um cu mal lavado é melhor que morrer na merda e ao chegar neste ponto, ou você age, ou se decompõem nas químicas da inércia... Eu sou o maldito paradoxo e estes... Estes são: “os monólogos do segundo eu”.

Eis o corpo possesso

É. Finalmente estou aqui. De cara com o muro da rua sem saída. Diante do abismo do antigo mundo. Sofrendo de paralisia infantil em minha alma já adulta. Estou aqui, enfrentando o espelho que reflete meus erros aos olhos do mundo e segurando as medalhas dos acertos que só eu sei que cometi. Algumas pessoas dizem que existe um fundo em um poço, mas uma coisa eu aprendi nessa vida: “o fundo do poço é onde paramos de cavar” e para pessoas que estão afundando sem se afogar, não há um “fundo do mar”, apenas lodo. Aqui, meus medos surgem diante de mim em formato de um recém nascido; não posso esfaqueá-lo, não posso lutar contra ele, mas ele continua mijando em mim, com seu sorriso malévolos, respaldado pela impunidade da minha covardia. Eis o ring dos conflitos mentais entre quem fui e essa coisa em que acabei me tornando. Uma coisa que não anda meio cuspo de progresso pra frente, por puro pavor de enfrentar inimigos antigos e derrotados. Pavor de colocar a cara de bumbum de bebê novamente a tapa e enfrentar a trilha esquecida que há nesta selva do mal. Que porra afinal aconteceu comigo? O que aconteceu com aquele tempo em que tudo o que eu queria, conseguia pelo simples fato de acreditar? Onde andar aquela vitalidade que me permitia voar sem asas, indo tão alto que eu podia beijar o céu?... Preciso urgentemente refrear essa minha compulsão por tudo o que é errado. Aniquilar minhas novas obsessões depravadas e pequenos atos de insânia cometidos no backstage da minha vida. Preciso parar de ser tão legal com outros seres da espécie humana. Preciso diminuir a idade das baganas que ando fumando na chuva. Na

verdade, preciso sumir desta merda de lugar! Suicídio e pactos com o demônio estão fora de cogitação. Quando criança, uma voz me disse que eu deveria viver para presenciar a história, mas eu não imaginava que a minha seria tão estúpida. Talvez eu não devesse ter feito da minha adolescência uma mistura de Cypress Hill e Pulp Fiction (talvez)... Quanto ao pacto: o demônio não tinha como pagar o “preço” que pedi... Minha idiossincrasia é o que me difere dessa escória que insiste em respirar ao meu redor. Esta corja de obesos, atolados na cidade onde você vale o que pesa. Este monte de merda, abarrotados lanchonetes sitcom, tomando drinques que valem mais do que minha própria vida e esbanjando tudo aquilo que (talvez) nunca terei — é duro pisar no chão da pátria que de amor e de esperança faz a terra descer, mas valoriza rostinhos bonitos e bumbuns gulosos ao invés de personalidade e talento (não que eu tenha os dois últimos, muito menos os dois primeiros). Interlúdio... (Talento e personalidade natimortos) Ao longo do crescimento, algumas pessoas percebem pequenas diferenças entre si e o resto. Percebem que veem o mundo de uma maneira única e especial. Percebem que todos ao seu redor são (tão) padronizados, a ponto de radiarem previsibilidade. E quando finalmente descobrem que a padronização é fato, eles fazem você acreditar que está sempre por cima — este é o segredo: fazer o idiota achar que está por cima — Eu chamo isso de “teoria do vendedor de carros usados”, venda um Fusca para um cliente feliz que acha estar levando um Corvette. — Sim, tenho sintomas claros de psicopatia, porém minha consciência é mais forte que qualquer distúrbiozinho mental de merda... Entrada por trás (sem KY) E esta é a história da minha vida. Um vendedor de carros usados que chegou a um ponto intransponível e precisa tomar decisões de guerra. Um cara sem amigos, que um dia teve as bolas chupadas pela Sony Music e hoje tem um site inútil, com nome de um sanduíche estúpido, que filho da puta nenhum conhece. Um cara sem rumos que desanda mulheres na pica em quartos de hotel ou atrás de caçambas de lixo. Um idiota multifacetado que acredita ser Zé Mané, mesmo sabendo que é um foda (ou um merda). Um passo depois da morte da esperança é onde estou. Extenuado de tanto testar amizades que nunca sobrevivem aos meus critérios. Extenuado das futilidades femininas que vivem ocupadas atrás de carros e interesses quaisquer. Extenuado da merda de vida que deus me deu — se deus fosse bom eu seria burro! Se deus fosse mesmo bom, eu seria apenas um rosto na multidão, seria qualquer um, mas eu não sou qualquer um. Eu sou foda! Eu sou um foda que só se fode. Eu sou um maldito mito (ou um camelô Libanês), mas ninguém percebe isso, pois poucos nesse mundo gozam da inteligência e percepção necessários para enxergarem o fato que está a um palmo de seus narizes pomposos. — E mesmo assim, não deixo de cometer meus atos estúpidos, erros esdrúxulos e gafes extremamente vergonhosas.

Após as franhas que você mordeu

As lendas viventes são propensas a auto degradação, pois elas não suportam a clarividência de suas consciências abençoadas com esta maldição. Poucas sobrevivem por longos períodos (basta ver a História). Mesmo estampando sorrisos em faces, mesmo cercados por orgias fúteis e felicidade maquiada, as lendas, sempre serão solitárias e atadas com cordas de agonia no âmago de suas almas. Por isso, tendem a morrerem jovens: por culpa de sua solidão mental e constante sensação de improsperidade. Eu quero mudar isso, mas sinto os claros sintomas de solidão mental e temo por mim mesmo. Eu quero ser mais foda que as lendas, aliás, quase sou mais foda, pois fiz o diagnóstico dessa enfermidade psicoespiritual. Basta agora sobreviver aos sintomas para alcançar minha meta de ser mais foda que as antigas lendas... ... mas eu sou cuzão e não consigo!!! Continuo me sentindo atado. Continuo caminhando trôpego em um mundo de personalidades feitas com sabão e

As Vadias Platinadas e Seus Drinques Solitários - Maicknuclear

corredores de hotéis com cheiro de porra seca... ..Continuo diante do muro da rua sem saída. Segurando toneladas em medalhas. Diante de um espelho que me confunde com um rosto qualquer na multidão... !

E Meus Olhos no Arrebol (MaicknucleaR)

Imagine acordar sob o escaldante sol “gelado” de um belo dia de merda. Hollywood em peso está no telefone, querendo pagar absurdos por sua alma que não vale um abacate amassado pelo diabo de black tie, em pessoa. Você vai até a janela, chispa os olhos, vê a cidade rutilando sua incultamente sábia maldade, na merda da atmosfera. Sente-se como uma águia em um ninho de pombas que não tem o menor vestígio de educação. Sente um ódio exorbitante, correndo flor da pele afora, por saber que têm uma incumbência artística para com o mundo que tanto te odeia – o mundo sabe? aquele: fraco das pernas e sem tinta na caneta – . Sente um asco hiperbólico por ver as pessoas se matando por meras medalhas de isopor; inflando seus egos-de-bolhas-de-sabão-em-pó com monóxido de carbono disfarçado de “Bom-Ar”. Cospe os embucetados restos da noite anterior no quintal da vizinha e diz, sucinto, recovo e pensabundo, a si mesmo: “Estão me oferecendo tudo o que eu sempre quis”. Você para, verte a cafeína ao leite para dentro da carcaça, pensa um trilhão de coisas incompreensíveis ao “resto”, aos humanos – aqueles iguais a mim – que perambulam nessa joça de planeta. Aí você faz sua cara de homem durão, sem um conto no bolso, ou inspiração na mochila, e completa: “Fodam-se. Eles não manjam de porra nenhuma. Precisam renascer trezentas vezes para me compreender a unha”... A TV liga sozinha, você nem se abala. Não há nada nessa inabundante vida que seja capaz de impressionar sua frialdade alugada. O filme que está passando é o mesmo que seu pai o levou para assistir quando criança, na primeira vez que você foi ao cinema. Você não liga pro filme. Volta para seus grandes problemas ínfimo. Para suas indagações de coisas qual você já sabe a resposta. O volume está alto, mas, na pausa dos pensamentos, no semáforo vermelho dos neurônios desgovernados, você ouve aquela célebre frase: “*Já dançou com o demônio sob a luz do luar?*”. Você olha para a TV, sente vontade de chorar, mas sabe que jamais faria isso, não está no contrato. Você fica ansioso pela noite, apenas porque quer dançar logo com o demônio. Quer saber se ele sabe mesmo dançar. Mas não há tempo para isso. Muito menos um cisco de paciência nesta alma ansiosa. Você vai até a sala. Saca o bolachão da estante que fede a mofo, coloca a valsa recém castigada que veio lá de New Orleans, nos toca-discos de madeira. E chora.

Manhãs São Deprimentes (MaicknucleaR)

De manhã a brisa não é tão forte. E os ventos, fracos do pulmão, já não sopram as cãibras do sexo, com aquele vigor dos tempos áureos. O vento está fraco. É fácil a navegação. Mas quando o mar expelir o sol do rabo. E a vida fizer cara de biscate cansada. Aí, sim: teremos os preliminares de um pequeno inferno. E sereias que entoam seus cantos em cabarés fuleiros. De manhã a vida não é tão bela aos que não buscam paisagem. Mas um excesso de claridade. E pássaros. E promessas que jamais iremos cumprir. Cambaleante corsário. Que pratica saídas à francesa dentro da noite. Saltando prancha afora. Deixando o baú. Renegando o tesouro que tanto lutou para conquistar. Já em terra lambo o asfalto da Consolação três vezes. Como um ato de superstição. Fé. E devoção ao meu coração de pirata...

A Gulosa das Suicidas (MaicknucleaR)

Me incomoda como a pior das ressacas épicas. Toda essa simples complexidade da poeira e pequenos insetos achatados se acumulando sobre o para-brisa, que reflete, ao contrário e em diagonal, o luminoso amarelo desta lanchonete no cu do planeta. Todo este acúmulo de poeira de vento de estrada e seus vácuos de lembranças ultrapassadas, ultrapassando limites das concessões subjetivas dos carnavais sem acostamento. Toda essa gente enlatada, de cara amassada e futuros que não me interessam. Todo esse maldito food tão fast, este fast tão gordurosamente remoto de meu rumo incerto e suas escolhas anorm(imor)ais, mas cheias de X, em mapas de perdição. Mapas cheios de traços, tão hedonistas quanto abissais. Estrela estrala; e reparo que ninguém se lembra de lavar a mão na hora da morte! De lavar a alma no esgoto da frieza, próximo aos papéis de atos higiênicos...

Anúncios de cores que berram e papéis para cigarros não faltam para porcos lubrificos de olhares lúdicos. Fugas não cessam para quem busca a redenção do cão em caixas de sabão em pó, conforto na doceria e soluções psicossomáticas na garganta alheia, transformando a castidade em concubina deslavada.

Tudo que me resta intravenosamente é asco, mas minha pele está mais jovem e brilhante – milagres iluminados da mesa 6? Reflexo da luz do freezer? -. Mas, ei. Não posso esperar os guardanapos, tenho que ir! Preciso rasgar a noite, deslizar sobre a pista, voltar pra Garoa Land e rever meu império de merda, meus sonhos veleidosamente impulsivos e desgraçadamente verdadeiros. Preciso sair deste antro de destinos incertos e botar o paradoxo pra fuder. Mas fica uma gorjeta aos olhos da solícita atendente, pois cano quente não se guarda na cinta, leva-se no olhar, atira-se de soslaio e arregança no estacionamento... E talvez subir as mangas, a cueca, as calças, colocar o sunglasses e ver tudo lascivamente roxo outra vez. Bilhões de flashes azul-piscina no seu bem-estar, no meu “fresco reminiscente” que carrega seu néctar sexual país afora. Milhões de palavras em seus livros pra daqui a pouco, cheios de manchas circulares e odores criminosos. Cheios de rabiscos de amantes e uma casa só pra nós. Cheios de orelhas que são todas ouvidos no quintal dos fundos. Cheios de fantasias, fetiches e decisões que comprovam que já não somos tão crianças.

O tempo não passa neste engradado ermo e tudo que me resta é caderneta. Cigarros dos astros longe da segurança das câmeras e um itinerário ácido, pois nem só de idílio vive um bom proso-poeta, mas também de cânceres de cabelos lisos, escorregadios como piso molhado. Irritantes como mosquitos em noite de verão. Recalcitrantes como criminosos reincidentes.

Este horizonte que fica no retrovisor é tão saudoso quanto despedida mal dada. E me incomoda. Mas algo me trouxe a paz pertencente só a um bom assassino que tem trabalho a fazer. Algo neutralizou esta sensação de que irei capotar e morrer na próxima curva. Algo diz que voltarei.

Intemerato (MaicknucleaR)

Infausto, não incauto. Quando alto salto no holocausto e percalço lucros de outrora sem fim. Em toda sua santidade o claustro! Expansivo: Esgrimo à tela uma cosmorama em retrato pardo, estraçalhado, o degrado desta insensata confraternização da sociedade. Se dizem que falo grego, que meu remédio não faz efeito, pois fora foi feito nesta grande e mundana casa; é por que eles nunca me convidam para estas festas de letrinhas pobres. É por que, hoje, tudo o que é (literariamente falando) Nobre é o ato ou efeito de balelar! E se este povo quer tanto assim, esta incomensurável BALELA-CIRCO, hoje tudo que assisto é poetinha balelar.

Guarde seus decassílabos diarreicos, oh poeta de merda. Fique em pé na cadeira e prepare a força, pois esta conversa não encerra até deus me capotar...

Suas armas, oh nobreza, são Títulos-De-Antas
Echarpe da pompa,
Nariz empinado arremetendo seus blogs em taças com cerveja superfaturadas.
Mas calma lá:
não há nada de genial neste bando de lâmpadas - em Curto -,
há Antas-Título,
episódios repetidos de um hiperbólico blá-blá-blá.
Frívolos e triviais em suas chorumelas doentias.
Opacos vermiformes de status comprado.
Gleba infértil no Circuito Dos Sem Talento.
Rebentos da política chupatória que habita as painéis do estrelismo literário.
Escribas, nada mais que escribas usando a mais nobre arte como tema
para um estelionato político em recitais do reino sitcom.

E mando bala no espantalho mesmo sem seus clássicos, de merda, ter lido, pois se aqui hoje me arrisco é por que vim com alma e jorrando verdade. E se respeito tanto as letras assim como cago para a vil futilidade paulistana-central-nobre, isto é um sinal evidente de que aos padrões milimetricamente quadrados deste conluio de “sócios”: eu não sou normal.

E porque não chorar as uvas? Só não vem pagar de estigma.
Sei que tremes pra minha rima, mas nem vem Classificar.
Tenho arte, não “Classe”, sou o maldito Az da Bic.
Sou o Pato-Purific da privada literária!
BraZil mostra a cara. O segredo de minha aurora cataclísmica é a vida, ausente de mesquinharias crítica do tão célebre Balelar.

E continuo abominando os que vão “beber em fontes”. E que precisam “flertar com sei lá o que” para poder escrever. E, meus caros, nada de “dialogar com diabos inanimados”. E chega, em nome de algo santo, de “criar panoramas”. O segredo do fazer é fazer e pronto. Assim como este maldito ponto final: Ponto.

Garoa Land Saga (MaicknucleaR)

Fragmento de alfarrábio núm. 3: sem nome aos bois

Ta. Era só mais uma dessas noites que a lua cheia cumpria sua função maquinal na tela-céu que ostenta toda sujeira que a inteligência humana pôde criar e expelir através de seus rabos automotivos cheios de umbigo e odiosos comerciais de cerveja e a parlamentação solitária dos milhões de pessoas quais estou pouco me lixando neste exato momento e que também está dando a mínima para minha ilustre presença de merda nesta crosta asfáltica fria que costumo chamar de “minha terra natal”, a Garoa Land. E eu estava ali, cheio de andares, no que parecia ser mais um desses apartamentos de mais uma dessas hiporongas malucas e descoladas que chupam, dão o cu, reparam mobílias e leem a mão por módicas quantias (quantias essas que podem ser abatidas na camaradagem ou na velha parte pornô brasileiro de toda essa chanchada sem Carmens que habita o trópico carnal de nossas zonas fronteiriças, vídeo locadoras e cheiro de pinho sol).

Mas então. Lá estava eu. Sentindo certa umidade fria dentro da samba canção (por culpa de uma gringa maluca, de Owrleindowl (Orlando), que trombei, nem lembro como, quando a mesma saía de um pico dubístico na Rua Augusta e que havia presenteado minha graça com algumas belas, gosmentas e semi-profundas abocanhadas em meu caralho trêbado, atrás de uma inocente banca de jornais que estava estacionada irregularmente em alguma calçada dos arrabaldes); ouvindo uma mix tape também gringa, louco demais para saber como havia chegado ali e achando estar sóbrio o suficiente para lidar com aquela situação.

Situação que era aquela: Eu estava ali. Sozinho – em termos – em um apartamento cheio de frufu e roxo demais para minha lupa zuada, que caga para o abstrato LSDiano que mais parecia um grande e tremendo vômito; só que roxo!.

Mas. Voltando. Sei que meu amigo desembestou pelo corredor, dizendo coisas como “Espera aí, fica de boa, já volto”, só que em hebraico aramaico ou em uma dessas línguas mortas, enterradas e arqueologizadas – talvez fosse Esperanto, sei lá -. E eu fiquei ali. Sozinho. Sentindo um gelinho úmido nas zonas mais que erógenas e pensando em como seria estranho se aparecesse o dono do poleiro, quer dizer, do recinto, e me desse um simples oi: “Ei, olá estranho. Aceita um cafezinho aí, vai um Martini?”. Imagina a cena: um fulaninho qualquer, de olhos turvos, como o das bichas exuzadas, vestido um roupão de banho roubado de algum motel de beira de estrada, empunhando seu Martini e com aquele eterno sorrisinho de “Vamos lá, pessoal, vamos fazer uma orgiazinha maneira”. E eu ali, diante um tarado sexual vestido com apenas um roupão de banho, segurando seu Martini cheio de segundas intenções e aquele sorriso que você já sabe. Ia ser foda. Aliás. Nada de foda! A não ser que seja com gringas malucas, de Owrleindowl, que saem dos picos da São – Paulo, Capital e vão chupar o pau de sujeitos malucos/largados e não muito bem quistos, atrás de bancas de jornal. Mas eram apenas devaneios tolos, pois nenhuma bicha arrumaria a casa daquela forma – pelo menos não as que conheço -, a disposição dos objetos no cômodo era fashion-sóbria e não fashion-extravagante, saca?!. Ali tinha “mão de três furos”, ta ligado?!

E como todo grande herói em mais uma dessas sagas cheias de tramas-HQ's, pensei: “Simples! Já que vim parar em mais um desses apartamentos alucinógenos, vou apenas dizer: ‘Tem seda?’ e já era. Isso vai resolver todo esse fato ínfimo de ser encontrado displicentemente dentro de um apartamento em que não conheço ninguém. Pergunte isso e

tudo vai dar certo, pois, porra: em um apartamento que tem uma janela roxa, com vidro e tudo mais, em pé, no meio da sala, não deve ser lá um sacrilégio perguntar se alguém, nessa joça que fede a incenso de maçã verde, tem seda”.

E eis que surge a tal hiporonga maluca e sua saia de motivos “tomei uma paulada no crânio e fui dar uma de Picasso usando um pano de chão”. “Cê tem seda?”. “Olha ali na mesinha”, ela respondeu. Detalhe: a mesinha estava repleta delas, tinha até um bong australiano em cima da mesa, mas dei uma de Joe-No-Arms mesmo. Ela respondeu com parcimônia budista, pegou uma caixa de fura-peitos vermelho de filtro vermelho que estava no outro sofá, acendeu e sumiu levando consigo seu rabinho asiático que sustentava aquela saia que se precipitava como uma dessas calças largas – estilo as que uso – e deixava o fio das perdições de sua calcinha preta em destaque sobre aquela pele desbotada que só devia ver rolas e drogas, mas sol que é bom, nada.

Sou um belo d’um animal, e estava acuado. Olhei para o relógio no vídeo, DVD, sei lá que porra era aquela, e ele me disse: “Só você mesmo pra tentar ver a hora num estado desses”. Até cogitei entrar em um debate-embate com ele, mas deixa quieto! Esses sujeitos cheios de razão, no final, sempre estarão com toda a razão-ignorante do universo, entupindo seus crânios de granito, até a tampa.

Sofistas e prostitutas. Groupies e literatas. Nem toda literatura do planeta seria capaz de me dizer, claramente, as horas.... Enfim. “Bluetooth neles, Brasil”... Faltavam vinte para uma, e, por um ícone religioso qualquer: nem toda essa Hollywood que deturpa minha subjetividade seria capaz de imaginar as estranhas e cômicas sendas dos fatos vitais – coisas que iram acontecer dentro de umas duas horas, mais ou menos -, ou imaginar o desenrolar desse carretel de enredo depravado que vive a costurar a vida, mas não passa pano quando o vidro do carro embaça como lentes de grau perdidas na sauna impiedosa.

Ao Sub (MaicknucleaR)

Mais vícios que virtudes seguem em ascendente e espiralado neste turbilhão mítico de propulsões catastróficas e proporções que atravessam as pequenas ilhas da depravação cósmica. Subverter os anjos, talvez, com minha escrita. Exorcizar esta raça maldita que ocupa os astros do ibope celeste. Expugnar o proscênio do horror e fazer de chaveiros, medalhas, pois nesta guerra os bravos são esquecidos na injúria de sua própria terra e os heróis são tombados covardemente por vermes viciados em futilidades bélicas. Se vou verter ao sub, bem-vindo ao submundo, não ao "clube". Pois esta é minha guerra e ela tem sabor literário no sangue que diz ser azul, mas que em síntese é cor de lodo; é toldo de mau agouro:

Nem todas suas ninfas desbotadas
estiradas sobre lençóis de fadas
e toda sua droga de segunda
compra a bestialidade desta subjetiva luxúria
que gosta de submeter.

Se quando subo ao palco,
toda sua cara blasé de outrora quase agora
torna-se submissão.

Não confunda respeito com inferioridade,
mas agora seu alarde é lamber-me e bajular, seu trouxa.
Segura a onda, seu "prostituta",

- usurpadora literata -
agora as ninfas não custam mais nada.

Basta uma canetada,
pra poder te trucidar...

Tão Menos Dolorosa (MaicknucleaR)

...a filarmônica herege dos ídolos socados no rabo retumbou ecoando entre as paredes daquele pedaço particular de inferno...

Cena 1

Corta-picas filosófica (O arregaço)

Vodka e xeque-mate. Volúpia drinks & Vale da luxúria. Festinha em que satã vai à forra tende a acabar em merda!

Cena 2

Templário das serenas ninfas (panteão do absurdo)

Mais uma vez ela acordou só de meias, com lembranças vestidas de copos descartáveis.

Agora sangra pelo rabo acende um cigarro e pensa que seus “amigos são foda mesmo”. Nem liga! Lava-se, linda como é nada lhe afeta, vai embora.

Passado dois meses, o horizonte menstruado da velha cidade não via que dentro daquela banheira encardida ela enfiava um garfo de churrasco em sua larga e beiçuda buceta adentro, buscando algo que ela não queria...

...sangrava.

E aí: quer tingir a morte de ruge, ô, sua mula?!... Não, a sua!

[eu não vi nada]

Corta!

Sim, meus velhos comparsas de escrivismo deformado, pensamentos sórdidos, atos deploráveis, conduta desaprovável e prosa narro-depravadas. Cúmplices da Garoa indomável e travessias de nirvana afora. Vim trazer-lhes a maldita odisseia do paradoxo!. O puro creme dos becos de fulos e seu dinheiro sujo. O cataclismo do arrebol e essas encruzilhadas urbanas.

Preparem a repulsa, salguem a gordura de suas pipocas e avisem os futriqueiros: Meu showzinho de merda agora vai começar!...

Tudo Pelos Donuts (MaicknucleaR)

Luz

Tão austral quanto aurora: aquilo ali não é Las Vegas! São meras, simplórias e hologramáticas reações químicas ao ato de se jogar desarmado no decaptório dessa vida extrema e violenta. É como doce na língua de quem chupa tetas que balançam e se desnorteiam na face do desavergonhado, alimentam frágeis imortais e nutrem a putaria alada de sabor atômico.

(* Jimi Hendrix – All Along The WatchTower)

Metropolitano úrico. Maldito paradoxo. Hoochie Coochie Man da casa do caralho. Eu. MaicknucleaR, o louco que vos habla. Into the noche a la um camicaze festeiro e quebrado que anda ferido e incólume sobre escombros familiares e propósitos deformados, mortos, estagnados no chão. São amigos, mulheres, crianças e semelhantes, despedaçados, inanimados e estertorantes. Mas eu não posso perder meu tempo com vítimas, cadáveres e futuros presuntos, preciso me salvar em trampo solo, pois aqui, na areia movediça, nem Deus enxerga nossos afundantes passos. E caso um dia eu desatole... bem, é como diz o blues: “I never will come back to Alabama”.

Sim, já fui ferido e sangrei muito. Chorei feito um bebê cagão, cheio de merda, por culpa das dores e Dolores, mas até então foda-se, pois pressionei o ferimento, respirei devagar para diminuir a pulsação e conseqüentemente a vazão do sangue e estanquei o dilúvio seco de nhé-nhé-nhé falado, pois é assim que Jack Bauer faria... Quase me tornei um fraco, baby, mas se a lei nessa selva de pedras fúteis e superficiais é ser filho da puta: hold your guns, boys. E que deem os frescos e deprimidos.

De onde venho não podemos nos dar ao luxo de cometer erros, de perder seja lá qual oportunidade for. E eu andei vacilando pra caralho, acreditando ser um desses cabisbaixos da vida, mas não! Preciso reaver meu conceito nas ruas e focar o X do mapa, mesmo que a vereda seja em um lugar onde Buda veste camisa florida e carrega uma Glock; onde Gandhi vende bagulho na porta do jardim de infância; onde sectários imbecis confundem suas torpes impressões com a subjetividade alheia; onde sua linda amada te rouba, foge com outro e te larga pelado e de pau mole em um quarto de hotel. E eu?: Eu acabo de tatuar “Against the fuckin’ frouxos”, na testa. Tatuei com tinta fosforescente porque um dos principais fatores que influíram para essa minha fase de “moleza”, além dos prédios que caíram sobre meus pés, é o fato de tanto lidar com gente mole.

Plácido como néon pra cego. Dinamite no ronco do injusto. Superadas minhas quedas de humanidade e recuperado dos demais desastres inerentes a essa vidinha de merda, agora sou como aquele cara da Discovery Channel que “Toda semana arrisca sua vida para que eu saiba como salvar a minha”. E vou andando dentre as savanas urbanas e seus periféricos, matando leão com canivete suíço, para depois comer o fígado, com um succulento molho de larvas que chafurdavam na putrefação. Sou um maldito super sayadin que fica mais forte a cada convalescência... É como se todo aquele “downness” fosse ver se estou na esquina. É como se eu fosse um maldito Miles Daves e pudesse voar sobre a cidade ouvindo Delinquent Habits e cuspiendo na cabeça dos moderno-alternativos que vacilavam lá embaixo – o que esse modern-people será daqui à vinte anos? Brechó? -... Pensando bem é melhor guardar esses exemplos de motivação a base de lirismo deformado antes que algum

imbecil confunda tudo isso com verborragia – e não como parte de um Todo, não to com saco pra isso.

Não há amuletos nem antídotos contra ignorância alheia, assim como querer “mudar o mundo” é uma utopia infantil, quimera de hippie. Por isso digo: ou vem e sofre e depois se ilumina... ou... como diria aquele outro blues: “That’s all right” (asshole).

Vamos pra quem vai e os que ficam que comam minha poeira, os que caem que lambam meu boot, as que ajoelham que mamem gostoso e já era! Fui.

Câmera

(* House Of Pain – Fed Up)

Eu vinha dedilhando um velho beco. Dichavando um blues como um Bortolotto de sunglasses. Exumando noites falecidas. Alimentando orvalho com granadas. Sentindo a cidade e sua noite diamante. Parei sob o amarelo de um poste redondo, vi um fog verde dourando-se no horizonte e rabisquei de azul a folha branca.

Untado com ar seco e poluído, saquei a caderneta do bolso de trás. Olhei pra ela e disse meu jargão fuleiro: “Me mostra sua arte, filha da puta”. Uma puta que ali passava, parou numa só brecada. Olhou-me como se fosse um animal acuado, pronto para dar seu último e sombrio bote, como se eu fosse lhe cortar a jugular com um golpe de navalha ninja. Ou algo desse tipo.

-O que você disse?

Ê, minha sorte. Estou de boa e em um segundo toda a relatividade se mistura a lei de Murphy. Olhei uns duzentos graus, partindo do leste. Olhei atrás do poste e disse em tom não muito cristão:

-Cê ta falando comigo?

-É. O que você disse? – já pronta pra armar um barraco sem ao menos dar uma abocanhada no pau da minha barraca.

-Eu disse que o Wikipédia salvou minha vida!

-???

Os sinais do corpo dela diziam “Se você tivesse mais cabelo eu iria puxá-los até arrancar toda sua pele”. Travei os olhos nos olhos dela por uns dois segundos, saquei a caneta do bolso direito dianteiro e comecei a escrever. Ela ficou parada como se não acreditasse em tamanha insolência e depois saiu andando... Voltou uns quarenta segundos depois.

-Posso...?

-Tó.

-...O que você está escrevendo? É uma carta?

-Não... É só verborragia!

“Reverbera a luz do poste em minha rima entrevada,
Meu beco favorito é o diabo no corpo das que tocam guitarra”

Ação

1

(* Dilated Peoples Working The Angles)

Ainda bem que eu havia raspado as bolas na véspera daquele dia conturbado. Acordei gelado, no meio de um sonho onde uma mina que eu estava afim chupava o pau de um cara que odeio. O pior de tudo é que é bem capaz disso acontecer e, por alguma razão, isso me deixou bem perturbado. E, pelo rabo de Rita Cadillac, se aquilo era um tipo de presságio, as previsões não eram nada agradáveis (e, sim, Carine Chupknova mamava o dono de um supermercado no meio tempo em que **fingia** interesse por mim).

O telefone estralou nem dois minutos depois, eu ainda estava de olhos fechados e espreguiçava sob o edredom. Que se foda, deixasse tocar. Mas não. Por algum motivo oculto fui atender aquela merda de telefone. E não sei por qual maldita força maior, as vozes femininas que surgem ao telefone sempre me induzem a certos erros de conduta que um profissional jamais cometeria. E não sei como acontece, mas já estava marcando um esquema cabuloso, de encontrar uma doida señorita, na Vila Maldita, que logo mais será detalhado, caso eu esteja com saco de voltar ao assunto.

A vida por aqui não anda boa, simplesmente porque não anda. Imagine acordar a uma semana de completar vinte e seis anos e descobrir que você não tem nada na vida: nem dinheiro, nem carro, (consecutivamente nem:) mulheres, amigos, roupas que não estejam desfalecendo ou ao menos o respeito de seus ilustres compatriotas. Respeito é fundamental e eu gostaria de tê-los à partir do que realmente sou, da minha subjetividade e dessas palavras estranhas que vivo escrevendo. E não pelo que aparento – ou pelo “que sou (profissional)”, muito menos pelas pessoas que conheço -. Mesmo porque minha cara de maloqueiro mainstream não colabora e meu estilo não é lá um dos mais bem aceitos nas latrinas mentais afora (mas, perdoe-os, pai, eu sou meio fraco, mas eles continuam não sabendo o que fazem). O engraçado é que tem imbecil que *se sente* porque conhece pessoa X, deu pra pessoa Z, entrou no camarim do show de banda Y e tomou cerveja com ilustre H. O que uma pessoa dessas tem a dizer sobre si mesmo? Eu não sei o que uma dessas tem a dizer de si mesmo. Pra mim é só mais um peso de papel falante. Desvia, porque eu também não sei o que dizer sobre mim – mesmo sabendo exatamente quem sou -. O que importa, oh povo perdido, é a pessoa pela pessoa! O que ela tem, faz, pode vir a ser e fazer é coisa dela!. E nem ligo se fulano tem dois quilos de ouro, em troféus, socado no rabo, se cultivou arroz no Vietnã ou deu o rabo na Europa. Sou individualista demais pra me preocupar com status alheio e acho essa preocupação coisa de maria futeira, groupies de todas estirpes e byatches em geral. Aqui [*sempre que digo "Aqui" me refiro ao intrínseco do âmagô que entendo por "Eu" e não a lugares no mapa, compreendes?*], sweet filho da puta, os valores são outros. Certas vezes digo a mim mesmo: “Aí, ô peixinho fora d’água, não há como lutar contra esse oceano de estampas idênticas. Ele é maior. Mais forte. Seu mar é mais azul. Sua biodiversidade é mais rica e suas loiras são mais gostosas”, mas, ao contrário da maioria dos idiotas que iriam “unir-se a eles” e ir correndo comprar sua babylook de duzentos dollars bill e todas essas coisas que esses idiotas compram ou fazem, eu já sou da filosofia: “Se não pode com eles, faça-os passarem vergonha em praça pública, quebre os vidros de seus carros com um taco de golfe durante a madrugada e faça as minas deles gozarem pelo rabo”... E o “pior” de tudo é que já tem um monte de loucos errantes aderindo as minhas causas “anobres” cidade afora. Eles vagam pelas madrugadas e costumam ingerir combustível de lier-jet.

...chamariz de lunáticos, loucos, decadentes e incompreendidos...

Mas pra fechar a ideia: “O que faço (crio) é uma gota de quem sou, mas o que sou está há dois anos-luz de distância do que faço”. E essa é só mais uma frase (nem tão) legal que sei que jamais vai parar em uma agenda fru-fru porque provavelmente vão preferir um desses imbecis de vida boa que falam em dormir com travesseiros de penas de ganso rosado, dos cheiros da infância, e chamam Buceta de Sexo. Um desses rebeldinhos-pós-modernetes-sem-causa que dizem estar às margens porque tem uma jaqueta style, suja com cal de poste. Essa cidade é cheia deles. Eles fazem pose em lugares-foto... Hã!. É fácil ser junkie quando se pode pagar pelo bagulho, mas se o assunto é revolta, baby, posso afirmar que tenho dois Eminems, três Jim Bradys e um Alborghetti correndo no sangue. Mas foda-se! Desculpa pra fazer cagada (e ouvir strokes) todo mundo arruma. Psicólogos te dão atestado (e

barbitúricos pra cavalo) para afirmar que você é um imbecil carimbado, caso você queira. Mas eu não... baby, minha outra filosofia é que “Quando tudo na vida te diz ‘Pule’, responda com insolência: ‘Pular é o caralho, filha da puta’” e já emenda uma voadora na fuça dela – quer dizer: pro lado contrário da queda, óbvio.

Sábado eu estava conversando com Bebeto Cica’s sobre oportunidades, sobre tudo isso que me levou a escrever sobre esse assunto que acho pura baboseira. Baboseira pelo simples fato de que, Deus, Buda, ou Mara maravilha, nos deu discernimento suficiente para saber causas, efeitos, problemas e soluções. E se sabemos a solução então falar torna-se inútil. Temos que agir desgovernadamente e vencer, por pior que seja a vereda! Sair à caça com um estilingue, pois só a revolta em seu estado mais puro move montanhas. Só a indignação de quem se fudeu muito na vida pode construir um alicerce de um prédio que não cai no primeiro ventinho. Só quem amou muita vagabunda salafrária pode se tornar um cafetão desalmado. Só o bruto se lapida na quebrada. Só quem foi muito injustiçado vira justiceiro. E um monte de frases dessas que posso criar mais rápido que Billy The Kid. E é por isso que estou aqui. Por que sou o maldito Jesus da música, da literatura, da puta que pariu e vim salvar o mundo dessa frescura toda, pois desde os nove anos de idade insisto na teoria de que tudo no planeta está em mãos erradas! Vim dizer que vocês estão todos errados e depois ser odiado e execrado por lhes mostrar a – merda que são – verdade. E se o caso for guerra... (já sei todas suas fraquezas e i’m fucking mad, putos).

Diz aí, né não, Bebeto?! “Cai o Babel, fica a Babilônia”. “Os mais loucos que sobrevivam”. “O que seria uma oportunidade pra você agora?”... A desgovernada busca de salvação de quem não sabe o que quer da vida, mas faz uma boa ideia do que quer pra ela.

“Aê, tamo junto”. O resto é frescura pra render chucrute.

2

(* The Streets – Fit But You Know It)

Eu estava lá, feliz, mijando, pois mijar é sim um ato de felicidade. Quando fui dar um passo ao lado para desviar da corredeira e não molhar o tênis, derrubei um copo. Até tomei um susto com aquele copo mágico que ali aparecera instantaneamente. Mas o copo não era mágico e vinha acompanhado de um maluco, um boyzinho, estilo malhação, breaco. Eu disse: “Orra, mano, foi mal, derrubei sua brêja. Vamos ali naquele bar do outro lado da rua que te pago outra garrafa”. Ele ficou feliz com a proposta e foi me seguindo, trôpego. Chegando à calçada do outro lado, um cara pulou na minha frente e me disse: “Onde você tá levando ele”, “Derrubei o goro dele e to indo pagar outro. Sai da reta”. Andei uns dois passos e ele apareceu de novo na front. “Ê, mano, eu sou polícia” [*era óbvio que não era*]. Há: os deuses da malícia não me perdoariam se eu deixasse aquela deixa passar, e, como eu sou foda ao menos oito segundos, uma vez por mês, respondi como num futebol de rua: “FODA-SE. E EU COM ISSO?”. Desviei do fulano e puxei o outro pela manga da camiseta para dentro do bar. Parei no balcão. “Qual você quer?”, perguntei pro cara. “Qualquer uma”, respondi pro cara do bar. Pedi, demorou e quando voltei à Terra percebi que o maluco tinha desaparecido... A cerveja chegou.

Perplexo e com pressa decidi virar tudo de uma vez. “Pode guardar os copos, vai na garrafa mesmo e já era”. Comecei a virar, mais por ter pagado do que por prazer. Um doidão viu a cena, abriu um sorriso e apontou pra mim.

-Nooossa, mó loucão. Da hora, eim – disse ele de longe.

Continuei virando. Terminei. O cara abriu um sorriso de lado a lado e me perguntou de onde eu era. Respondi. E foi a primeira vez que alguém me cumprimentou por eu ser de onde sou. Fui parabenizado por estar na areia movediça - da hora -.

Sai. Rua. Eu tinha que esperar bem ali, mesmo com aquela gente me olhando. “To cagado ou sou artista, porra?”.

Quatorze minutos...

-Demorei?:

-(só quatorze minutos) Não.

-E aí, como você ta?

-Vivo. (merda, vou ter que perguntar:) E você?

-Ah, sei lá. To nervosa em te conhecer.

-(é, imagina se eu tivesse saído de um bolo) Só por isso?

-Ah, lógico. essa situação – olhou pra trás, virou à esquerda – não é comum na minha vida. E você dá medo. Não “medo”, mas sei lá, você é foda, fico pensando em que você está pensando.

-(to pensando em você de quatro e minha língua no seu cu) Logo passa.

-Mas e aí, tem algum plano em mente

-(foder feito um cavalo viciado em adrenalina) O primeiro plano é sair dessa merda de lugar.

-E depois?

-(um meia nove relaxante?) Depois que a noite nos leve até onde nos quisermos chegar.

-Bem. Eu tava a fim de ir num lugar. Não sei se você vai gostar, mas eu estou louca pra ir. Fico até com vergonha em te dizer, mas como você é você eu vou ter que dizer...

“Hã. Ainda bem que raspei as bolas”.

(* Muddy Waters – Hoochie Coochie Man)

On the rocks. Malucos no sereno. Olhos forasteiros brilham assim como mentem uns aos outros. Vermes da noite circundando espécies raras, ameaçadas. Prováveis sobreviventes e bobos da corte. Nada melhor que outra pedra de gelo. Outros olhos e enredos. Outro dub na rádio de rocksteady.

O que faremos quando o sol brilhar novamente? Tô sem dinheiro pra sair fora, sem óculos escuros e acho manhãs deprimentes. Tenho um problema grave a ser resolvido imperativamente, mas só consigo pensar nas coisas a serem criadas. Sonhos de padaria a serem desenvolvidos. Não digo Sonho, mas *sonhos*... Pra quem sabe o que quer é só seguir reto, mas quem quer atravessar o sublime (ao invés de parecer sublime) geralmente não sabe o que quer da vida. Muitas vezes se perde, mas há quem se controle mesmo patinando e eu quero ser um desses últimos naipes.

Do céu nunca veio salvação. E a cada gesto que sai dos cabelos que ando deixando precocemente branco são dedicados aos diamantes que jogo aos porcos, a sair da areia movediça por meio de um grito supersônico, encarar a Babilônia que surgiu após a queda do primeiro grande muro.

Eu vacilei (acreditando) e perdi um tempo vital para certas coisas, mas se a história não fosse tão podre e depravada eu não seria quem sou o que sou, digo: o intrínseco do âmago que entendo por “Eu”. Esse maltrapilho, calmo como uma bomba, que tem o poder de devastar milhares de quilômetros de subestimadores afora (e meritocratas de plantão), mas só que anda meio enferrujado. “Tem graxa aê?”.

O clima ta feio e o túnel se afunila no adiante. O ar é rarefeito e não há planos de contingência. O tempo está acabando e preciso começar do zero. Murphy tem suas leis, mas eu tenho minhas regras. E acredito que é no medo que a pessoa realmente aparece, o (falso)

herói ou o frouxo. No meu caso a situação está mais fechada que corpo de quem vende a alma. Tô diante de um monstro gigante que acha antropofagia legal. Mas algo me deixou em êxtase e percebi que é mesmo guerra, nada aqui é de mentirinha e que deus nem pra fazer uma presença e jogar um graveto para que eu me defenda desse monstro.

Mas foda-se, eu assistia G.I.Joe e sou como aquele cara da Discovery Channel “que toda semana arrisca sua vida para que eu saiba como salvar a minha” e tô nesse lugar onde Buda veste camisa florida e carrega uma Glock... Aí: Segura minha blusa. Se eu não voltar em quinze minutos não venham atrás de mim. Queimem minhas coisas e sustentem meus sites. Au revoir, muchachos. “G.I.Joe” pra quem fica, por que agora a filosofia é outra, cabron, agora é tudo pelos donuts.

No Paradoxo, Sem Controle Remoto, Simplesmente Automático (MaicknucleaR)

Canal 15

Os solitários cômodos daquele minúsculo casebre tornavam-se um gigante castelo diante da pequenez deste pobre homem...

Vago entre paredes surdas que não ouvem minhas lamúrias e deixam que o vazio de minha mente seja o hospedeiro de pensamentos diabólicos.

Canal 22

Ligo o som em uma rádio qualquer. Apago a luz da sala. Deito no sofá e me cubro com um edredom. Meus pensamentos se tornam uma TV imaginária com quatrocentos bilhões de canais conectados em rede; canais sem grades de programação fixas, sujeitos a mudanças na velocidade da luz e sem nenhum controle remoto! Simplesmente... Automático.

Os fantasmas do passado me assombra com uma tela de recordações frustrantes que alterna para uma série de decepções e são seguidas por novelas de final infeliz. Ali não me vejo como galã, mocinho ou vilão. Sou apenas um figurante da vida, um mero coadjuvante de um filme B que não deu certo. Um fiasco!

Canal 39

Uma solidão suicida corrói lentamente meu espírito como a ferrugem corrói a lataria de uma Brasília 1972 em péssimo estado de conservação.

Comerciais

30 segundos:

Meus pensamentos agora se tornam um macaco cheirado que tomou uma superdosagem de adrenalina intravenosa.

15 segundos:

Viajo mentalmente sem nenhuma espécie de posicionamento global via satélite. Ajuste de tela.

O mar em meus olhos contrasta com os esqueletos que guardei no armário.

Nitidez

Cadáver no porta-malas cheira a péssimas lembranças que desejo enterrar no esquecimento de meus neurônios inativos. "Televisão dá sono". Ajusto para desligar em meia hora, mas após dois minutos, durmo sem nenhum ajuste e de mau jeito. Simplesmente: automático.

THE END

As Vadias Platinadas e Seus Drinques Solitários – MaicknucleaR



MaicknucleaR (São Paulo, Capital, 1981), autor do livro "Meu Doce Valium Starlight (editora Dulcinéia Catadora - 2007)" e do famoso e-book "Dançando Valsa Nos Salões Do Inferno", produtor musical independente, criador da lendária da Revista Lasanha Literata, da produtora digital independente "Fronteira Filmes" (onde é roteirista, câmera, editor, diretor, divulgador e produtor de entrevistas, clipes e especiais) e da web radio Atomic Radio. Maick é criador, produtor e performer do recital musicado "O Sarau Portátil" (totalmente autoral: Maick produziu os grooves, fez as gravações em sua casa e em casa de amigos e todos textos recitados por ele mesmo são de sua autoria; Maick também fez a arte da capa, a divulgação e inclusive os clipes). MaicknucleaR participa de outros projetos músico/literários assim como o Sarau "Verbos Curtos/Viola na Vela" e é vocalista vitalício da banda UzzmetralhA; assina da alma ao osso das produções musicais "Paulistanas Depravadas", "Fronteira Hits" e "Nuclear Reggae Style". Autor do documentários compilados: "TV, A Imagem da Besta Quadrada" e "Conspilation Doc: A Conspilação" e dos autorais "Sarau Portátil Doc" e "Liberdade, Uma Prisão Sem Muro" (todos em 2010).



Contatos:

E-MAIL:

maicknuclear@gmail.com

MSN:

maicknuclear@hotmail.com

(não envie e-mails para este endereço, pois não serão lidos)

BLOG:

www.literaturamaldita.cjb.net

Site:

www.myspace.com/maicknuclear